

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DOUTORADO

MAURICIO MARTINS REIS

**A HERMENÊUTICA
FILOSÓFICA COMO
FILOSOFIA: UMA CRÍTICA
INTERNA AO PENSAMENTO
DE GADAMER**

Prof. Dr. Ernildo J. Stein
Orientador

Porto Alegre
2015

MAURICIO MARTINS REIS

**A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA COMO FILOSOFIA:
UMA CRÍTICA INTERNA AO PENSAMENTO DE
GADAMER**

Tese apresentada à
banca examinadora do
Programa de Pós-
Graduação em
Filosofia da Pontifícia
Universidade Católica
do Rio Grande do Sul
(PUCRS) como
requisito parcial para
obtenção do título de
Doutor em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Ernildo J. Stein

Porto Alegre
2015

RESUMO

Trata a presente investigação de responder se a hermenêutica filosófica, autonomizada nos marcos do pensamento de Hans-Georg Gadamer pela reivindicação do atributo da universalidade do problema hermenêutico, pode ser qualificada genuinamente como filosofia. O fio condutor da tese percorre as principais características da hermenêutica filosófica gadameriana com a finalidade de promover uma espécie de crítica interna a partir dos correspondentes pressupostos, especialmente os que giram em torno do primado universal da historicidade da compreensão. Preconiza-se a necessidade de contrapor ao horizonte transcendental de sentido, significativamente acentuado pela hermenêutica filosófica pela incidência da compreensão histórica que atravessa toda e qualquer interpretação acerca do mundo, o horizonte transcendental de validade normativa, responsável pela derivação crítica e reflexiva de qualquer pensamento que se intitule como legitimamente filosófico. Nesses termos, a hermenêutica enquanto filosofia, para alcançar-se na pretendida plataforma de universalidade, precisa reivindicar concomitantemente o substrato da racionalidade normativa de validação, de maneira a não incorrer na hipertrofia do ontológico, como se fosse um substitutivo redundante da filosofia hermenêutica de Heidegger. Ademais, a hermenêutica filosófica deverá resistir-se, com igual prudência de autocrítica, no estímulo demasiado desta contrapartida de validade reflexiva, de maneira a contestar o lugar arrogante capaz de impulsionar o veredicto da palavra final ou da fundamentação última intransitivamente considerada como derradeiro critério, eis que a assunção de sua universalidade se sobressai no caminho crítico da metafísica da finitude, isto é, no horizonte de um programa despido de conotação absoluta ou totalitária.

Hermenêutica filosófica – Fundamentação última – Sentido – Validade – Metafísica – Universalidade – Pragmática-Transcendental – Compreensão – Finitude – Verdade

ABSTRACT

This research is in charge of responding whether philosophical hermeneutics, which became autonomous within the framework of the thought of Hans-Georg Gadamer the claim of universality of the hermeneutical problem attribute, may be qualified as genuine philosophy. The underlying theme of the thesis covers the main features of Gadamer's philosophical hermeneutics in order to promote a kind of internal criticism about its corresponding assumptions, especially those that revolve around the universal primacy of the historicity of understanding. It advocates the need to counteract against the transcendental horizon of meaning, significantly accentuated by philosophical hermeneutics through the incidence of historical understanding that runs through each interpretation about the world, the transcendental horizon of normative validity, responsible for critical and reflective bypass any thought that title itself as legitimately philosophical. In these terms, hermeneutics as philosophy, to achieve the desired universality platform, must claim at the same time the substrate of normative rationality validation, so as not to incur into a kind of ontological hypertrophy, acting just like a redundant substitute hermeneutics of Heidegger's philosophy. Furthermore, philosophical hermeneutics should resist, with equal caution of self-criticism, in stimulating too much of this counterpart reflective validity in order to challenge the arrogant place able to propel the verdict of the final word or the last intransitively foundation considered as an ultimate point of view, behold the assumption of its universality stands on the critical path of the metaphysical finitude, that is, on the horizon of a program stripped of absolute or totalitarian overtones.

Philosophical hermeneutics – Ultimate philosophical foundation – Meaning – Validity – Metaphysics – Universality – Pragmatic-Transcendental – Understanding – Finitude – Truth

RESUMEN

Es esta investigación para responder si la hermenéutica filosófica, hecha en la marca del pensamiento de Hans-Georg Gadamer para atributo de universalidad demanda el problema hermenéutico, realmente puede ser descrita como filosofía. El itinerario de la tesis investiga las principales características de la hermenéutica filosófica gadameriana con el fin de promover un tipo de crítica interna de los supuestos correspondientes, especialmente las que giran en torno a la primacía universal de la historicidad de la comprensión. Aboga por la necesidad de contrarrestar el horizonte trascendental del sentido, significativamente acentuada por la hermenéutica filosófica por incidencia de la comprensión histórica que atraviesa cualquier interpretación sobre el mundo, el horizonte trascendental de la validez normativa, responsable por los derivados crítico y reflexivo de cualquier pensamiento filosófico genuinamente legítimo. En esos términos, hermenéutica asumida como filosofía para alcanzar la plataforma de la deseada universalidad, debe reclamar a la vez el sustrato de las reglas de validación de racionalidad, para no incurrir en la hipertrofia ontológica como un sustituto de la hermenéutica de la filosofía de Heidegger, o algo por sí redundante. Además, debe resistir a la hermenéutica filosófica, con igual cuidado de autocrítica, en estimular demasiado de este contraste de validez reflexivo, para desafiar el lugar arrogante capaz de propulsar el veredicto de la última palabra o la razón de ser última intransitivamente considerada como criterio definitivo, ja que la asunción de su universalidad sobresale en la ruta crítica de la metafísica de la finitud, esto es, en el horizonte de un programa destituido de connotación absoluta o totalitaria.

Hermenéutica filosófica – Fundamentación última – Sentido – Metafísica – Universalidad – Pragmática-trascendental – Comprensión – Finitud – Verdad

“(…) há um campo intermediário entre a pura filologia que, com o seu instrumental filológico, pretende encontrar o Heráclito correto, e aquela forma de filosofar que consiste em pensar sem plano nem método e, nisso, pensar demasiadamente. Entre esses extremos existe um campo intermediário no qual se pode falar do papel da transmissão do conhecimento, do sentido e da interpretação”. (Martin Heidegger, sobre a genuína filosofia, *Heráclito*, Seminários com Eugen Fink, inverno 1966-1967)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I.....	22
CAPÍTULO II.....	42
CAPÍTULO III.....	65
CAPÍTULO IV.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126

INTRODUÇÃO

Postula-se para a presente tese uma crítica interna da hermenêutica filosófica, entendida esta como uma determinada escola de pensamento da filosofia sedimentada e autonomizada por Hans-Georg Gadamer na segunda metade do século vinte, com o objetivo de indagar se ela de fato pode ser caracterizada como filosofia¹. Ao mesmo tempo em que esse autor inaugurou a denominada hermenêutica filosófica, com o predicado de universalidade, a reflexão hermenêutica quer permanecer na história, não objetivando, pois, o alcance de uma validade absoluta. Registre-se que a universalidade hermenêutica – o seu caráter heurístico como um global espaço de razões consolidado pela linguagem no histórico e finito compreender – consiste numa amplitude impassível de normatividade (totalidade normativa num devir último não-reflexivo), entendida essa como um juízo definitivo de desaparecimento frente ao absoluto.² A hermenêutica filosófica, pois, embora lide com o universal (referência ao constitutivo essencial da interpretação aberta ao mundo e a novos significados), jamais pretendeu garantir algum elemento definitivo para justificar o conhecimento em vista de uma verdade absoluta ou total.³

¹ Antecipa-se uma razão de base para a expressão “crítica interna”, a qual não deve ser tomada literalmente – ou do ponto de vista autoral – como uma reflexão a se postar levando-se em conta somente os escritos de determinado autor, no caso, Hans-Georg Gadamer. A interpretação desta tese para o que se convencionou predicar uma adequada crítica interna consiste em tomar em consideração a estrutura qualitativa de certa proposta teórica, isto é, a hermenêutica filosófica gadameriana, cujo fio condutor argumentativo internamente reivindica aspectos inerentemente compartilháveis com outros filósofos, seja numa perspectiva embrionária ou de base (Heidegger), relevante para uma proposta genealógica ou histórica de estudo (o que não é o caso predominante aqui), seja numa ótica prospectiva – esta talvez principal para os auspícios desse escrito – a partir da qual algumas vigas mestras da proposta hermenêutica de Gadamer necessariamente acarretam a investida em direção a eventuais aspectos que, embora negligenciados explicitamente pela lupa do autor investigado, necessariamente deveriam pertencer ao esquadro referencial de sua proposta teórica. Por isso, a internalidade de que se cogita aqui remonta à moldura da hermenêutica filosófica estruturada por Gadamer, nada obstante muitos dos seus aspectos internos enquanto teoria careçam (ao nosso ver, conforme a linha argumentativa dessa tese), para fazer jus aos atributos preconizados pelo próprio pensador, de inferências alheias (externas) à sua autoria, apesar de desdobráveis internamente (pela via argumentativa da reflexão) da própria universalidade do problema hermenêutico.

² O holismo entendido como universalidade, pois, na hermenêutica filosófica, não descamba para a normatividade do pensamento como fundamento último ou abissal. Em contrapartida, no sistema de Hegel, mais total do que universal, o holismo incorre na normatividade, “em que toda a validade de nossos enunciados dependeria da possibilidade de alcançar um ponto último e definitivo para o pensamento filosófico” (STEIN, Ernildo. *Inovação na filosofia*. Ijuí: Editora Unijuí, 2011, p. 62). Há palavras ou expressões na filosofia que não esgotam por si um significado, como é o caso de metafísica, dialética e fundamento último, por exemplo.

³ “O que estou descrevendo é o modo da experiência humana no mundo em geral. Chamo-a de experiência hermenêutica, uma vez que o processo assim descrito repete-se constantemente no que nos é familiar. É sempre um mundo já interpretado, um mundo já ordenado em suas relações, no qual a experiência entra como um elemento novo, que destrona o que guiava nossas expectativas, colocando uma nova ordem ao que é destronado. (...) É assim que se deve compreender a pretensão de

É certo, entretanto, que a ausência de normatividade na hermenêutica não promove o esgarçamento do universal em qualquer coisa, retirando-se o aspecto crítico ou de racionalidade da filosofia (nihilismo ou filosofia como narrativa). Não se abandona a criticidade do pensamento, mas se deixa para trás uma dada forma de pensar a crítica como “transparência plena de um saber absoluto”⁴, com o que a crítica se densifica historicamente. Aqui se encontra o principal desafio de paradigmas filosóficos contemporâneos tidos como influentes na tarefa de possibilitar um modelo de pensamento tendente à aposta de uma posição correta na filosofia. Ocorre que a hermenêutica se encontra numa posição particularmente difícil⁵, na medida em que os seus pressupostos, por serem universais, enraízam-se como um fundamento *a priori* do filosofar⁶: assim, ela não propriamente pode ser utilizada como se fosse um instrumento para sustentar dada posição, um método operacional para derrubar argumentos localizados opostos, embora a sua estatura apriorística não deixe de se configurar como um método para (e não “como”) se refletir na filosofia.

A compartimentalização da filosofia nas últimas décadas vem dificultando a assunção de sistemas ou expressões de pensamento sobre o mundo como sendo genuinamente filosóficos no aspecto de vocação pela universalidade. É particularmente curiosa – e até incompreensível – a posição da hermenêutica filosófica como disciplina isolada nos programas de ensino, na medida em que sua pretensão de universalidade,

universalidade da dimensão hermenêutica. Compreensão sempre vem ligada com linguagem. Isso não implica de modo algum um certo relativismo da linguagem. É bem verdade que vivemos numa linguagem. A linguagem não é um sistema de signos que agenciamos com o auxílio de um teclado, ao entrarmos no escritório ou na estação emissora. Isso não é linguagem, pois não possui a infinitude do fazer que cria linguagem e experimenta mundo. Mas, embora vivamos inteiramente imersos numa língua, isso não representa nenhum relativismo, porque não existe esse exílio numa língua, nem sequer na própria língua materna” (GADAMER, Hans-Georg. A universalidade do problema hermenêutico. In *Verdade e Método II: complementos e índice*. Traduzido por Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 268).

⁴ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Dois leituras de Hegel. Duas propostas de ontologia. In *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 82.

⁵ Tão difícil que há autores que deixam de classificar a hermenêutica seja como teoria ou método. “Daí a distinção feita por R. Wiehl entre fenomenologia, dialética e hermenêutica. A fenomenologia é menos uma teoria do que um método, que prescreve a toda teoria como atingir os respectivos objetos em si mesmos. A dialética é uma unidade móvel de teoria e método. A hermenêutica nem é teoria nem método no sentido estrito da palavra, porque se entende a si mesma como expressão de uma compreensão originária, que subjaz a qualquer distinção entre teoria e método. A esta compreensão originária se manifesta, sempre, um mundo no todo e isto previamente a qualquer conhecimento objetivo” (OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Dois leituras de Hegel. Duas propostas de ontologia. In *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 77).

⁶ O *a priori* deve ser entendido como o “todo do compreender”, sendo que a hermenêutica, como um paradigma, assim o propõe por meio da categoria da compreensão, assim surgindo o “universal hermenêutico”: “a tonalidade existencial que acompanha nosso modo de ser, e o caráter antecipativo e projetivo da compreensão, se constituem como estrutura prévia do inteligir e da racionalidade” (STEIN, Ernildo. *Inovação na filosofia*. Ijuí: Editora Unijuí, 2011, p. 65).

diante, por exemplo, do acontecer enquanto compreensão pelo acesso à linguagem, supõe contradizer qualquer tentativa de contextualizá-la em contornos locais de alcance limitado⁷. Via simultânea, há quem inevitavelmente apele para uma certa instância hermenêutica como uma espécie de rito necessário de passagem nos cânones atuais da filosofia, cujo transcurso ao final parece sempre irromper para uma outra margem, estranha à própria hermenêutica. Outra faceta dessa dificuldade se localiza na hodierna catalogação das hermenêuticas, com o que se chega no seu esfacelamento como matriz de reflexão, fazendo prevalecer a história da filosofia perante o estudo da própria filosofia, a desincumbir acriticamente o desafio da descoberta da unidade filosófica da hermenêutica em benefício da multiplicidade cronológica das sucessivas abordagens, pelos mais distintos autores, oriunda de um mero exercício estatístico. Já em meados da década de sessenta, logo após a repercussão do lançamento do livro “Verdade e Método” de Gadamer, sucedeu uma crise de identidade para a hermenêutica filosófica, a qual se viu “ou bem inflada em um sucedâneo filosófico para a ontologia heideggeriana ou bem trivializada como um problema resultante de dificuldades de mensuração”⁸.

Aparenta ser a hermenêutica uma senha simbólica nos textos especializados para servir como diplomacia preambular ao propósito, completamente outro, de adentrar no tema principal, seja ele qual for, tomada a filosofia como assunto principal ou como ferramenta técnica em benefício de uma ciência aplicada. Ela é, pois, utilizada com sanha, para lugar nenhum, ou melhor, para um sítio bem distante dos seus marcantes postulados. A hermenêutica, então, por vias tortas, torna-se instrumentalmente

⁷ A universalidade da hermenêutica filosófica consiste em recuperar a autoridade da razão – da filosofia como fundamento reflexivo da autocompreensão – imersa no todo da vida fática com apoio na historicidade do sentido, o que não deve ser confundido com a aspiração de totalidade, como se o ser pudesse ser compreendido tão intensamente a ponto de o seu próprio exaurimento culminar numa teoria última do conhecimento e da interpretação. A universalidade da hermenêutica filosófica consagra o horizonte histórico de sentido manifestado no existir do ser humano não como um fato, mas como experiência de mundo tida como tarefa incessante. Desse modo, “o homem não é uma realidade fixa, definida uma vez por todas, mas essencialmente transcendência” (OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Conhecimento e historicidade*. In *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 9), sendo que o conhecimento filosófico, na hermenêutica, contempla “captar este movimento incessante do seu fazer-se, que é, porque o homem é, essencialmente, presença pré-reflexiva da totalidade, um processo ilimitado de totalização” (*Idem*, p. 12).

⁸ HABERMAS, Jürgen. *Ciências sociais reconstitutivas versus ciências sociais compreensivas*. In *Consciência moral e agir comunicativo*. Traduzido por Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 38. E esse panorama não melhorou muito depois, na medida em que, apesar de aceitos os principais argumentos da hermenêutica filosófica, eram recusados como doutrina filosófica, mas como “paradigmas de pesquisa, no interior das ciências sociais, sobretudo no interior da antropologia, da sociologia e da psicologia social” (*Idem, ibidem*). O próprio Habermas tratou de interpretar a hermenêutica como um paradigma das ciências sociais na sua obra de 1967, “A lógica das ciências sociais”.

universal, embora esse aspecto de recorrência, por ser artificial, a desnature – por paradoxal que seja – como vazia ou esqualida: a hermenêutica é muito referida e por isso mesmo se torna repetidamente invisível ao abismo do esquecimento. Parece que abordar a hermenêutica filosófica por ela mesma seja realmente difícil ou até mesmo impossível no tocante ao desafio de lhe consagrar o título de filosofia propriamente dita. É o que se proporá no âmbito desta tese.

Nesse sentido, a hermenêutica filosófica merece ser revisada internamente⁹ de modo a se cotejar os respectivos atributos nucleares estruturais com relação ao lugar dispensado a si na filosofia contemporânea. Será ela filosofia a tal ponto de poder reivindicar-se como um paradigma filosófico? Ou então, sendo infrutíferos os argumentos tendentes a legitimá-la efetivamente filosófica, merecerá o juízo de consistir tão-somente numa mera configuração teórica com limitados recursos, destituída, pois, da envergadura de um discurso filosófico propenso a poder instituir uma universal e suficiente fundamentação?¹⁰ O ineditismo aqui proposto contempla o enfrentamento da hermenêutica filosófica pelos seus próprios meios, sistematizados a partir de “Verdade e Método” de Gadamer, embora não redutíveis às conclusões do modelo gadameriano¹¹,

⁹ A crítica interna significa “aquela que valoriza o passo dado pelo sistema precedente, aceita a sua forma de argumentação e, através de suas próprias suposições e de sua lógica interna, realiza a sua refutação (ou também sua correção) e sua superação. Só assim o resultado se revelará verdadeiramente como *aufheben* (superar e guardar) do sistema criticado. (...) Esse é o próprio sentido da palavra filosofia, sem o qual a longa história da refutação dos sistemas filosóficos e sua superação por outros não passaria de um mero jogo despropositado e arbitrário” (LUFT, Eduardo. *Para uma crítica interna ao sistema de Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, pp. 15-16). Assim, em oposição à índole de interrogatório autoritário de uma ressalva externa “que introduz previamente o que pretende encontrar e violenta a fisiologia própria de um pensamento” (DERRIDA, Jacques. *Escritura e Diferença*. Traduzido por Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995, pp. 83-84), encontra-se a escuta atenta no interior do próprio discurso, ou seja, “a crítica efetiva – do interior – pressupõe que se conheça a filosofia criticada, nela mesma e por ela mesma” (AQUILES VON ZUBEN, Newton. *A fenomenologia em questão: desafios de um projeto*. In *Paradigmas filosóficos da atualidade*. Campinas: Papyrus, 1989, p. 150)

¹⁰ “Filosofemas como a historicidade do compreender, como a consciência histórica efetual, como ainda o caráter especulativo da linguagem ou a dialética da pergunta e resposta, não pareciam bases suficientes para uma pretensão de universalidade. Esses topoi essenciais, junto com outros, pareciam remeter a dimensões ou estruturas de caráter histórico ou de antropologia histórica, e pareciam pouco teóricos para permitirem uma pretensão de universalidade ou constituírem o fundamento para enunciados de uma filosofia (STEIN, Ernildo. *É a hermenêutica filosófica filosofia?* FILOSOFIA UNISINOS, v. 3, n. 4. São Leopoldo: UNISINOS, 2002, pp. 67-68). A fundação da hermenêutica filosófica sobre a base da compreensão como um acontecer histórico é reconhecida por Stein como o núcleo da matriz paradigmática a servir de alicerce para o caráter filosófico do projeto gadameriano (*Idem*, p. 69).

¹¹ “Um filósofo não é alguém que se atém a determinada tradição, e sim que levanta determinadas questões objetivas. Ele só recorre aos filósofos anteriores na medida em que crê poder aprender algo com eles sobre essas questões. Nesse sentido, podemos dizer que recorre a eles na perspectiva da primeira pessoa. Isso significa não apenas que ele questionará a pertinência daquilo que encontra num filósofo, mas também que só irá compartilhar os pensamentos que lhe parecerem importantes. Frequentemente, é preciso ser, ao mesmo tempo, filósofo e historiador, pois se sabe que, se os pensamentos do filósofo não forem analisados em seu próprio contexto, algo importante poderá escapar a quem os estuda. No entanto, o que assim se alcança na perspectiva da terceira pessoa é somente uma base. Do ponto de vista estético,

senão orientadas pelas correspondentes indagações, muitas das quais respondidas com êxito por diferentes filósofos. A singularidade do processo tenderá a repor o lugar da hermenêutica filosófica na condição de genuína filosofia – a hermenêutica como filosofia, ou então concluirá por uma magnitude regional com restritas competências explicativas acerca do mundo – a hermenêutica com filosofia.

Procurar-se-á equilibrar a hermenêutica filosófica ante o risco do demasiado pendor beneficiário de uma persistência tradicionalista no interior de preconceitos herdados no contexto da faticidade do compreender, fator certamente prejudicial para uma finalidade crítica do saber filosófico. Contemplar ou restituir à hermenêutica a sua característica de filosofia significa perquirir a paradoxal universalidade por ela pretendida diante da concomitantemente assumida consciência de aplicação histórico-efetual como uma exigência hermenêutica. Então se pode dizer que o balanço argumentativo desta tese toma a hermenêutica filosófica de Gadamer, na espiral reflexiva estrita de uma reflexão interna ao seu pensamento, como o ensejo para timbrar a hermenêutica filosófica enquanto filosofia propriamente dita.

A hermenêutica filosófica, se ainda não pode ser qualificada de filosofia, pelo prematuro lugar desta introdução, pelo menos espereitadas qualidades em seu discurso indesmentivelmente conectados à filosofia, entendida esta como o saber universalmente válido¹², por especial os atributos inferidos do proclamado lugar de universalidade por ela reivindicado. O horizonte temporal e histórico da compreensão consiste no lugar por excelência do conhecimento hermenêutico, o qual se sedimenta, pois, numa exigência de aplicação existencial coincidente com a posição do intérprete no mundo. Evidencia-se aqui, então, a ambivalência – a nota de um aparente beco sem saída paradoxal – entre o juízo universal de projeção filosófica e a instância particular (contingente) de seu nascedouro fático. Desta ambivalência surge outra, não menos importante, direcionada

pode parecer satisfatório analisar os contextos internos a partir da perspectiva da terceira pessoa; todavia, quem discute os pensamentos de um filósofo a partir da perspectiva da primeira pessoa está igualmente apto a constatar rupturas e contradições. As filosofias não são obras de arte” (TUGENDHAT, Ernst. *Egocentricidade e mística: um estudo antropológico*. Traduzido por Adriano Naves de Brito e Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 183).

¹² A filosofia como saber universalmente válido, veremos mais adiante, demanda o duplo horizonte transcendental de sentido e de validade, de modo que a universalidade metafísica por ela reivindicada (nos moldes hermenêuticos dessa investigação) nem pode se contentar com a criptometafísica da necessidade histórica, refratária à recomposição racional e crítica da realidade (certamente interpretada pela lente da consciência histórica mediada linguisticamente na tradição), tampouco com a criptometafísica da fundamentação última dogmática, que abstrai a possibilidade histórica da mudança de sentido.

para o perfil pós-metafísico¹³ do travejamento filosófico, a saber, de um discurso filosófico que se pretende universal, enquanto condição de possibilidade para qualquer interpretação adequada do mundo, sem incorrer inevitavelmente no apelo a uma metodologia para se determinar o compreender correto e adequado do mundo¹⁴.

Portanto, a tese de doutorado aqui expressada levará em consideração a hermenêutica filosófica como um estilo predominante de análise de natureza universal¹⁵, a ponto de conformá-la como uma posição filosófica (ou filosofia)

¹³ Entenda-se aqui o pensamento pós-metafísico aquele instalado na era da hermenêutica, assim caracterizada por Ernildo Stein: “O homem passa a ter outra perspectiva de seu lugar no universo. Não parte mais de um a priori para desvelar a verdade de sua natureza e de seu destino. A partir dos diversos pontos em que o situa sua história e cultura ele procura atingir a verdade. Todos os pontos de partida são válidos, mas parciais, para compreender o homem. Sob certo aspeto o homem rejeita as soluções definitivas, as afirmações intemporais, os absolutos abstratos. Ele prefere analisá-los temporalizados e relativos, mergulhados no movimento da própria história do homem. São antes conceitos-limite que determinam o campo de sua interpretação. A hermenêutica alimenta as muitas faces da mesma verdade e desenvolve a análise da multiplicidade das faces. O hermenêuta experimenta a verdade nas situações concretas, não absolutiza os pontos de vista. Ele busca uma universalidade itinerante para sua interpretação. Todo o universo humano deve ser explorado para que revele, ainda que parcialmente, seus horizontes. A universalidade da compreensão é fragmentária. A hermenêutica abandona todo o fanatismo e exclusivismo e, por isso, sempre pode voltar-se sobre suas posições e corrigi-las. Mas, com isto, o homem que interpreta conta com possibilidades de ser mais sensível para as exigências de cada momento em cada verdade. Sem dúvida ele não possui as respostas totais e definitivas, mas a situação hermenêutica que ele conquista lhe dá o privilégio de estar desperto para cada interrogação, para a necessidade de cada momento. Sua universalidade se individualiza a cada momento, para cada situação. Esta hermenêutica não é o pensamento abstrato ou calculador. É a experiência do pensamento” (*História e ideologia*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1999, p. 21).

¹⁴ Nesta medida, sempre se esperou da universalidade hermenêutica a propagação – recorrentemente negada por Gadamer – de uma práxis ou metodologia capaz de orientar concretamente o intérprete para o correto compreender e atuar no mundo da vida. Por isso, antecipa-se, é necessário repensar o travejamento (a palavra mais utilizada por Ernildo Stein na interlocução com o projeto de tese apresentado formalmente na PUCRS em 13 de novembro de 2015) – o eixo de referência universal como alicerce ou condição de possibilidade do discurso filosófico – proposto pela hermenêutica filosófica, não alijando-o do indelével caráter de universalidade, porém o dispensando de um estilo metodológico (o “como” hermenêutico interpretado como se fosse o “como” antecipador da própria legitimação consciente para a aplicação ulterior) tributário da ideologia objetivista das ciências compreensivas. Repensado assim, o travejamento será reinvestido em torno de uma “hermenêutica da hermenêutica”, uma possibilidade cronologicamente pós-metafísica, embora materialmente metafísica pela reivindicação contextualizada dos parâmetros universais da estrutura do pensamento e da compreensão-interpretação na abertura da finitude hermenêutica. Ainda que admitindo ser a hermenêutica filosófica um desdobramento de ontologia da compreensão, Ernildo Stein admite que a hermenêutica filosófica de Gadamer deixou de ver com a lucidez exigida “quais as questões metodológicas que deveriam ser ou o ponto de partida ou o ponto final para suas teorias” (Sistematicidade e particularidade na leitura do texto: metalinguagem e compreensão nas ciências humanas. In *Instauração do sentido*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1977, p. 102).

¹⁵ Trata-se de conectar a hermenêutica com a metafísica, na medida em que, enquanto filosofia (hermenêutica filosófica), a universalidade hermenêutica carece, além do pressuposto da compreensão do ser-aí pela medida da existência humana no mundo histórico (transcendental de sentido), transcender-se pela condição última de sua possibilidade reflexiva no acontecer da abertura do ser (veja-se, por todos, o reivindicar da metafísica hermenêutica em CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. Traduzido por Carlos Lopes de Matos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973, pp. 171-180). Veremos o quanto o contributo da pragmática-transcendental de Karl-Otto Apel auxiliará a hermenêutica filosófica nesse sentido, ao apontar para esta última uma lacuna onde se deixa impensada – ou mesmo dispensada – a reflexão crítica de validade transcendental acerca dos pressupostos do

propriamente dita, excludente, isto posto, de outras posições¹⁶. A hermenêutica filosófica como filosofia será entendida, então, como filosofia hermenêutica crítica. Isto quer dizer que evitar-se-á a disputa conceitual entre “hermenêutica filosófica” e “filosofia hermenêutica”¹⁷, pois, para efeitos desse estudo, a hermenêutica advinda de Hans-Georg Gadamer é capaz de reivindicar uma plataforma de autonomia filosófica marcadamente forte, de modo a angariar uma condição de discernimento a partir da qual as duas expressões podem ser enfeixadas como sinônimas. Isto quer dizer que, nos termos de contexto do programa filosófico de Gadamer, a hermenêutica filosófica

conhecimento capazes de conduzir a proclamada universalidade pretendida pela hermenêutica, cuja não tematização, ao se enfatizar o transcendental de sentido em detrimento do transcendental de validade, faz privilegiar a inserção concreta do ser-aí na faticidade ontológica, o que tornaria a hermenêutica filosófica um mero sucedâneo das postulações originárias do pensamento heideggeriano orbitado em torno de “Ser e Tempo”, destituindo-se a hermenêutica da noção grega de filosofia como ciência universalmente válida (OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Para além da fragmentação. Pressupostos e objeções da racionalidade dialética contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, pp. 83-84).

¹⁶ “De um lado, a hermenêutica é apenas integrada em posições filosóficas receptivas para o conceito, sem que elas mesmas deixem de manter as suas características predominantes. De outro lado, o conceito de hermenêutica inaugura estilos novos de análise, alguns dos quais se tornam predominantes, quando não excludentes de outras posições” (STEIN, Ernildo. *Gadamer e a consumação da hermenêutica. In Hermenêutica e epistemologia: 50 anos de Verdade e Método*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2011, p. 10).

¹⁷ Essa posição é compartilhada, por exemplo, por Josef Bleicher, ao enquadrar a hermenêutica filosófica de Gadamer como filosofia hermenêutica, a qual “não visa um conhecimento objetivo recorrendo a processos metodológicos, mas a explicação e a descrição do Dasein humano, na sua temporalidade e historicidade” (*Hermenêutica contemporânea*. Traduzido por Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 15); mais especificamente, “(o) argumento central da filosofia hermenêutica poderá ser demonstrado de uma forma muito melhor se reportado ao título da obra de Gadamer, Verdade e Método” (*Idem*, p. 165). O autor afirma que a hermenêutica contemporânea pode ser distinguida em três vertentes: a teoria hermenêutica, a filosofia hermenêutica e a hermenêutica crítica (*Idem*, p. 13). O ponto central de nosso trabalho procurará argumentar, diversamente da perspectiva apresentada por Bleicher e pelos analistas do tema em geral, que a hermenêutica filosófica gadameriana possui traços genuínos de crítica, com o que se discorda da tese que postula a deficiência normativa (o caráter deflacionário de validade) da filosofia hermenêutica (ou da hermenêutica filosófica). Por outro turno, o juízo pelo qual a hermenêutica filosófica como filosofia situa-se para além da teoria hermenêutica (como teoria geral da interpretação enquanto metodologia ou técnica das ciências humanas, matriz tributária de Emilio Betti, Schleiermacher e Dilthey), não parece ser alvo de controvérsia, a justificar um apelo programático nas presentes reflexões. Nem se exclua, aliás, que a hermenêutica filosófica deixe de prescindir das regras fundamentais típicas da teoria hermenêutica, ou, noutras palavras, que o discurso hermenêutico careça, mesmo em caráter marginal, do logos apofântico ou da epistemologia (RUEDELL, Aloísio. *Da representação ao sentido: através de Schleiermacher à hermenêutica atual*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 23). Ruedell assinala, citando Gunter Scholtz, que desde Dilthey “há uma dificuldade especial de separar hermenêutica filosófica e filosofia hermenêutica” (*Idem*, p. 30); sua pesquisa acerca das mais diversas qualificações terminológicas para a hermenêutica ao longo da história (*Idem*, pp. 18-32) possui como valioso ponto de chegada as seguintes perguntas, tomadas de Hans Ineichen, todas relativas à pertinência da questão da correção e da verdade (“Faz sentido falar em interpretação correta?”; “É possível distinguir entre uma interpretação falsa e uma verdadeira?”; *Idem*, p. 32). Pensamos que tais indagações sobre a questão da verdade na interpretação – e não o tema da objetividade da compreensão (com o qual a questão da verdade não se confunde ou nele se dilui) – são frutíferas no arcabouço filosófico de Hans-Georg Gadamer: a recusa gadameriana frente à objetividade na interpretação absolutamente não implicará uma doutrina relativista (niilista), tampouco desmentirá o projeto de instituir a busca pela verdade, isto é, o discernimento crítico apto a segregar prejuízos autênticos de inautênticos, boas de más interpretações.

consistirá na filosofia hermenêutica por excelência¹⁸, como um marco conceitual teórico abrangente e crítico cujas características incorporam índices argumentativos de validade adjudicadores de critérios de avaliação ou da validade das interpretações.

Assim sendo, a hermenêutica filosófica será examinada à medida das preocupações que orbitam em torno de “Verdade e Método”, livro capital de Hans-Georg Gadamer. A filosofia hermenêutica, urbanizada pelo filósofo nas pegadas de província deixadas por Martin Heidegger¹⁹, é objeto peculiar de suas preocupações, a tal ponto de ensiná-las com o timbre da universalidade²⁰. Evidentemente que a insígnia de universalidade não se confunde com a indelével marca da subjetividade a dotar todo o intérprete de uma constituição *a priori* resultante de um fator – condição de possibilidade – indicativo de uma determinada perspectiva²¹. Que qualquer estatuto

¹⁸ Entenda-se aqui a qualidade filosófica de um empreendimento universal cujas bases repousam na ascendência hermenêutica da finitude de sentido, da linguagem e da compreensão como entendimento (GRONDIN, Jean. *Introducción à Hans-Georg Gadamer*. Traduzido por Constantino Ruiz-Garrido. Barcelona: Herder Editorial, 2003, pp. 227-229). Todavia, esses atributos, embora configuradores da experiência hermenêutica no seu aspecto universal, não a esgotam apenas na diluição frente à historicidade: ainda há de se perquirir pelas exigências em torno do compreender adequado, ou seja, de uma “hermenêutica filosófica normativo-metodologicamente relevante” (APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia. 1: Filosofia Analítica, Semiótica, Hermenêutica*. Traduzido por Paulo Astor Soethe. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 52). Referida exigência de validade, de indispensável procedência, será analisada para efeito de se descobrir, corroborando a conjectura animadora das hipóteses do estudo, a sua pertença ao projeto filosófico de Gadamer.

¹⁹ A frase é de Jürgen Habermas, ao dizer na Laudatio para Gadamer (em 1979) que ele teria promovido a “urbanização da província heideggeriana” (GRONDIN, Jean. *Hans-Georg Gadamer. Una biografía*. Traduzido por Angela Ackermann Pilári, Roberto Bernet e Eva Martín-Mora. Barcelona: Herder Editorial, 2000, pp. 391-392). Conforme HABERMAS, Jürgen. *Hans-Georg Gadamer: Urbanização da Província Heideggeriana*. In *Dialética e Hermenêutica*. Traduzido por Álvaro L. M. Valls. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983, pp. 73-85. Frise-se que não é nosso intento demarcar a genealogia teórica da hermenêutica filosófica, conforme observado no preâmbulo desse estudo. Curiosamente, até para situar a intencionalidade prospectiva da tese em direção ao esquadro argumentativo da hermenêutica filosófica, em detrimento de uma retomada histórica de fôlego acerca de sua formação, calha atestar que sequer citamos em referência a obra “Ser e Tempo” de Heidegger em sede de bibliografia. Ao nosso ver, a propósito desta deliberada omissão, o problema central da hermenêutica a que nos dedicamos aqui pode ser percebido muito mais detidamente noutro tomo heideggeriano, a saber, na obra “Introdução à Filosofia”, um curso ministrado pelo filósofo no final da década de vinte (*Introdução à filosofia*. Traduzido por Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2009).

²⁰ O próprio Heidegger, em correspondência a O. Pöggeler datada de 5-1-1973, escreve que “é coisa de Gadamer a filosofia hermenêutica; é um bom contraponto para a filosofia analítica e a linguística” (GRONDIN, Jean. *Hans-Georg Gadamer. Una biografía*. Traduzido por Angela Ackermann Pilári, Roberto Bernet e Eva Martín-Mora. Barcelona: Herder Editorial, 2000, pp. 385-386). Nas conversas com Gadamer, Silvio Vietta lhe confia uma observação até então desconhecida nos termos literais com que é narrada por ele: que Heidegger teria lhe dito que “em Heidelberg está Gadamer, o qual acredita poder solucionar tudo com a hermenêutica” (GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica de la Modernidad. Conversaciones con Silvio Vietta*. Traduzido por Luciano Elizaincín-Arrarás. Madrid: Editorial Trotta, 2004, pp. 55-56). Ernildo Stein enfatiza com este diálogo que Gadamer resulta orientado por uma “totalidade própria”, (...) muito maior do que simplesmente estar no mundo” (*Verdade e método no mundo*. In *Inovação na filosofia*. Ijuí: Editora Unijuí, 2011, p.77).

²¹ Lorenz B. Puntel chega a dizer que “em toda e qualquer interpretação, atua uma perspectiva ou, mais exatamente, a perspectiva que guia o intérprete” (*Sobre a complexa relação entre a filosofia e sua história*. In *Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia. Estudos críticos na perspectiva histórico-*

teórico em filosofia seja impregnado de interpretação não constringe, tampouco banaliza, a hermenêutica filosófica²²: a epistemologia hermenêutica, é certo, pressupõe o bastidor interpretativo para integrá-lo na relação autorreferencial entre a filosofia e a história num nível sistemático²³ de contornos paradigmáticos²⁴.

Reside aqui um problema capital para a filosofia hermenêutica. A pretensão de sua universalidade, por um lado, não pode ser confundida com a nossa compreensão

filosófica. Traduzido por Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010, p. 33), sendo que nem a perspectiva do intérprete que atua de modo puramente imanente (abstraindo-se intencionalmente de fatores alheios ao objeto da interpretação, inclusive de si próprio no sentido da atuação do “círculo hermenêutico”, o qual é tido por Puntel como uma sobrecarga de teoria), como num estado de “tabula rasa”, é capaz de evadir-se do perspectivismo, porque no limite, a perspectiva “de não assumir uma perspectiva própria (...) representa uma determinada perspectiva” (*Idem, ibidem*). Por isso é que a interpretação externa – em que a perspectiva do intérprete desempenha um papel determinante, a despeito de portar uma “carga acentuada de teoria” – não deixa, por assim dizer, de “conter” a interpretação imanente, embora estabeleça um passo adicional (indo além desta, ao levar em consideração o “horizonte teórico-explicativo” de quem interpreta) de natureza “histórico-filosófica” (*Idem, p. 34*).

²² Poder-se-ia cogitar do contrário, sem menosprezar a autonomia do pensamento hermenêutico, ou seja, apontando para o contributo gadameriano em torno do seu esforço em demonstrar a essencialidade do juízo interpretativo; isto é, que a hermenêutica filosófica de Gadamer possibilitou identificar, em verdade e ao menos, os contornos interpretativos de toda e qualquer filosofia. É o que se pode depreender de Günter Figal, ao afirmar “o quanto a imagem de uma filosofia compreendida hermeneuticamente, mesmo em sentido mais amplo, pertence à história das influências exercidas por Gadamer” (*Oposicionalidade: o elemento hermenêutico e a filosofia*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 11).

²³ Conforme PUNTEL, Lorenz B., Sobre a complexa relação entre a filosofia e sua história. In *Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia. Estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica*. Traduzido por Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010, p. 21, apesar da sua forte ressalva quanto aos (alegados) limites e equívocos da filosofia hermenêutica de Gadamer, cuja visão “acentuadamente “finitista” é “determinada” no quadro de uma posição sistemática “pura” que a tudo abrange”, sendo incompatível a visão sistemática abrangente conduzida pela linguagem (“O ser que pode ser entendido é linguagem”) com os limites de qualquer “posição finita”, implodidos por aquele incontido enunciado (*Idem, p. 22*).

²⁴ Evidentemente que a pretensão de universalidade da hermenêutica pode ser compatibilizada com a tese gadameriana da historicidade de toda a compreensão, sem com isso, então, acenar para a exigência de uma validade universal definitiva e, por isso mesmo, sem abdicar de uma posição paradigmática fundamental enquanto filosofia (mais do que, portanto, a sugestão, atrofiada, “de que se trata sempre da universalidade de uma “dimensão”, e bem menos da pretensão de universalidade de uma filosofia”, conforme GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Traduzido por Benno Dischinger. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999, p. 201), o que não quer dizer absoluta, tampouco dispersa, como uma dentre outras numa espécie de equivalência sistemática indiferenciada no mesmo contexto histórico. Por ser um novo paradigma, a hermenêutica filosófica seria incapaz de recusar o estatuto crítico de substituir (menos como pretensão totalitária, mais como atuação dialética na tríade hermenêutica do preconceito, da autoridade e da tradição), se for o caso, outros paradigmas, o que não se confunde com o predicado de se revestir do predicado de filosofia absoluta. É como procede Lorenz Puntel em vista do “quadro referencial teórico”, interpretado sob a batuta do conceito de “filosofia sistemática”: trata-se de um sistema aberto, ou seja, essencialmente incompleto, a partir do qual se assume a pluralidade de quadros teóricos e de que “um quadro teórico absoluto, supremo ou último – se é que ele existe – pura e simplesmente jamais será alcançado por nós, humanos” (*Estrutura e ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*. Traduzido por Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008, p. 24). Entenda-se que a pluralidade de quadros teóricos sincronicamente conviventes indica a complexidade do quadro teórico filosófico como um todo, onde numerosos quadros teóricos resultam explicados por sua atuação mais ou menos concreta ou particularizada “como etapas do processo de formação do quadro teórico sistemático plenamente desenvolvido” (*Idem, p. 12*).

enquanto estrutura de algo como algo, cujo viés abrangente aponta para a condição constitutivamente hermenêutica de toda a filosofia, na medida em que “pela interpretação chegamos ao objeto da filosofia”²⁵. Tampouco se pode afrouxar a pretensão de universalidade da hermenêutica filosófica com a renúncia de sua concepção holística²⁶, ou, em outras palavras, com o sacrifício do seu estatuto filosófico. Entrevê-se que a envergadura mais ampla da hermenêutica filosófica perante as outras hermenêuticas, de modo a inclusive se libertar do escasso recurso da hermenêutica promovido por Heidegger, justifica a pretensão de universalidade na filosofia de Gadamer como “uma espécie de saber omni-abrangente que se ocupa com o acontecer do sentido”²⁷.

A hermenêutica filosófica de Gadamer – por ser uma filosofia – não se resume a um modelo aplicado tão-somente a textos ou enunciados linguísticos²⁸. O filósofo, em

²⁵ STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*. Porto Alegre: EDIPIUCRS, 2004, p. 21.

²⁶ STEIN, Ernildo. *Interpretacionismo. A tradição hermenêutica diante de duas novas propostas*. In *Filosofia Hermenêutica*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000, p. 57 (correspondente a *Interpretacionismo ou fundacionismo. A tradição hermenêutica diante de duas novas propostas*. In *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, pp. 147-163). Por mais que Ernildo Stein dissocie com razão a hermenêutica filosófica de Gadamer dos programas filosóficos de Günter Abel e Hans Lenk, não nos parece adequado abdicar a universalidade da hermenêutica – nessa latitude holística – para os termos propostos pelo autor de Verdade e Método. Stein chega a reconhecer a pretensão de universalidade da hermenêutica de Gadamer, em particular quando se trata de combater “algumas variedades de hermenêutica de caráter metodológico” (*Idem*, p. 56). Entretanto, ele recusa a universalidade como um modo de concepção filosófica da totalidade, de caráter holístico. Ao nosso pensar, em contrapartida, é possível enunciar a universalidade hermenêutica com o atributo forte da totalidade. Basta, para tanto, invocar a universalidade hermenêutica como uma totalidade da tradição metafísica nos moldes do segundo caminho de Aristóteles, do ser enquanto ser, o qual se predica de múltiplos modos; com isto, resgata-se o caminho da metafísica sem o caráter normativo de uma totalidade ou de uma universalidade conducentes ao absoluto. Nem nos parece, ainda, que a universalidade enquanto totalidade recaia necessariamente nos confins da “apodicticidade” (*Idem*, p. 58), nem mesmo para um filósofo – Günter Abel – tido por aderir a uma espécie de interpretacionismo contemporâneo. Embora não seja alvo de nossa pesquisa o estudo desse último autor, pode-se verificar de um de seus artigos que o seu modelo interpretativo claramente rejeita a índole de um pensamento fechado (necessário) ou apodítico. E mesmo Stein não negligencia tal pressuposição, pois reconhece em Abel o perspectivismo interpretativo de quem anuncia ser a interpretação o lugar da verdade como explicação última (jamais definitiva) da realidade, “uma espécie de ontologia ou mesmo uma filosofia primeira, no sentido da metafísica” (*Idem*, p. 59). Há de se mencionar em especial Abel também pelo fato de este filósofo ter mal compreendido a hermenêutica filosófica gadameriana, pelo juízo com que sustentou ter ela ficado “aquém da verdadeira totalidade da interpretação, numa espécie de dependência do sentido do texto” (*Idem, ibidem*).

²⁷ STEIN, Ernildo. *Gadamer e a consumação da hermenêutica*. In *Hermenêutica e epistemologia: 50 anos de Verdade e Método*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2011, p. 12.

²⁸ “Não precisamos, pois, demonstrar a tese de que todo entendimento é um problema de linguagem e de que o sucesso ou fracasso no entendimento só se obtém no elemento da condição de linguagem. Todos os fenômenos do entendimento, da compreensão e da incompreensão, que formam o objeto da assim chamada hermenêutica, representam um fenômeno de linguagem. Mas a tese que pretendo discutir dá um passo ainda mais radical. A tese afirma que não apenas o processo do entendimento entre os seres humanos, mas também o próprio processo da compreensão representa um acontecimento de linguagem mesmo quando se volta para algum aspecto fora do âmbito da linguagem ou escuta a voz apagada da letra escrita. Trata-se de um acontecimento de linguagem semelhante àquele diálogo interno da alma consigo mesma, que para Platão caracterizava a essência do pensamento” (GADAMER, Hans-Georg. *Linguagem*

realidade, utiliza-se do texto como um modelo problemático específico para exemplificar hermenêuticamente a prévia estrutura existencial da compreensão típica da experiência possível ao ser humano²⁹. Por intermédio dos textos, “Gadamer submete a demonstração da pré-estrutura do compreender indicativo-formal por Heidegger a uma análise concreta”³⁰. Consoante indica-nos Stein, com a ênfase de que a hermenêutica filosófica acolhe e aplica o conceito de facticidade ao todo da história, “a compreensão em Gadamer é desenvolvida no contexto de um projeto que procura recuperar a historicidade da cultura e do mundo vivido”³¹. O desafio proposto nessas linhas contempla traduzir em reflexões para a hermenêutica filosófica a recomendação dada pelo próprio Gadamer – uma espécie de lema representativo de sua característica prudência argumentativa – para o ato de fundamentação na filosofia, qual seja, a advertência de que, para se levar realmente a sério a finitude enquanto solo de toda experiência ontológica, deve-se tomar como pressuposto, na própria finitude, a impossibilidade do aceno de um complemento dialético de si mesma³². Nesse questionamento haveremos de responder se a hermenêutica filosófica pode ser intitulada uma genuína filosofia com um quadro referencial que lhe seja próprio em abrangência de ser, pensar, interpretar e argumentar³³.

Qual a relação entre hermenêutica e filosofia? O problema capital da tese evoca a participação nuclear da hermenêutica na filosofia, tendo em vista a constitutiva

e compreensão. In *Verdade e Método II: complementos e índice*. Traduzido por Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 216).

²⁹ Gadamer admite isto na retrospectiva de seu trabalho em torno das críticas de outros filósofos, como é o caso de Habermas, sobre quem pronuncia o seguinte panorama: “Sua crítica e minha contra-argumentação fizeram-me ver a dimensão em que havia ingressado quando transpus o âmbito do texto e da interpretação em direção ao caráter de linguagem de toda compreensão” (Entre fenomenologia e dialética – Tentativa de uma autocrítica. In *Verdade e Método II: complementos e índice*. Traduzido por Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 32).

³⁰ GANDER, Hans-Helmut. Hans-Georg Gadamer – Na pista do compreender. In *Filósofos da atualidade. Uma introdução*. Traduzido por Ilson Kayser. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006, p. 47. Assim igualmente preconiza David Weberman, ao afirmar que a hermenêutica de Gadamer se ocupa com o conhecimento em geral (e não apenas com textos), conforme *A New Defense of Gadamer's Hermeneutics*. Philosophy and Phenomenological Research. Vol. LX, Nº 1, January 2000, p. 57.

³¹ Gadamer e a consumação da hermenêutica. In *Hermenêutica e epistemologia: 50 anos de Verdade e Método*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2011, p. 14.

³² O movimento fenomenológico. In *Hegel, Husserl, Heidegger*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 191-192.

³³ Como afirma Gadamer, a hermenêutica filosófica pode ser entendida como uma teoria filosófica concernente à totalidade de nosso acesso ao mundo (*Weltzugang*), cujo suporte na linguagem e na sua forma aberta de realização, não coincidentemente encerrada, pois, nos respectivos enunciados, socorre tanto o entendimento entre os seres humanos pela via do diálogo, quanto o acesso às coisas de que consta o nosso mundo (Hermenêutica. In *Diccionario de Hermenêutica*. Dirigido por A. Ortiz-Osés e P. Lanceros. Bilbao: Universidad de Deusto, 2001, p. 228).

dimensão do compreender na atividade de quem filosofa³⁴. E nem se trata apenas o compreender – nessa sua fisionomia indeclinavelmente hermenêutica de pertencimento ao mundo em contraste ao reclamo metódico de independência afeto a um significado ou sentido coagulados na prescindência absoluta do existente³⁵ – de uma camada essencial da atividade filosófica, senão da própria condição humana. Porque, como diz Heidegger, “[n]ão filosofamos apenas vez por outra, mas de modo constante e necessário porquanto existimos como homens”³⁶.

Ao se indagar pela filosofia, resolve-se perscrutar pelo programa teórico universal que coincide, desde Heidegger, com a rearticulação da metafísica³⁷, ou seja, com a superação de uma forma de conceber a metafísica que não implique o seu fim³⁸, e isto através do advento hermenêutico da crítica e reinterpretação pela via da faticidade³⁹. Na sucessão de Heidegger, o projeto hermenêutico de Gadamer, embora assumido com as características de ontologia universal depois de “Verdade e Método”, quase que a despistar a intencionalidade de uma metafísica até então condenada por uma espécie de totalitarismo intrínseco tendente a exacerbações destinatárias de um

³⁴ HÖSLE, Vittorio. *Interpretar Platão*. Traduzido por Antonio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 85.

³⁵ A crítica de Heidegger à redução fenomenológica de Husserl se ampara exatamente no ato de prescindir – a omissão acerca do ser – da situação fática do ser-aí. O funcionamento metódico da redução husserliana se sustenta a partir desse prescindir da realidade do ser faticamente existente, uma renúncia que negligencia o solo genuíno sobre o qual se poderia perguntar legitimamente pelo ser da intencionalidade (HEIDEGGER, Martin. *Prolegómenos para una historia del concepto de tiempo*. Traduzido por Jaime Aspiunza. Madri: Alianza Editorial, 2007, pp. 141-142). Sobre a crítica heideggeriana à fenomenologia de Husserl, FLEIG, Mario; SANTOS, Vanice dos; PIMENTEL, Felipe Garrafiel. Heidegger com Husserl: a dupla omissão da Fenomenologia husserliana e a necessidade de um segundo começo. In *Hermenêutica e filosofia primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006, pp. 339-376).

³⁶ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à filosofia*. Traduzido por Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 3.

³⁷ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 29. Mais adiante, Oliveira discrimina a permanência metafísica – como condição de possibilidade – do pensamento filosófico enquanto reflexão universal, a despeito de suas particulares diferenças avançadas entre os sistemas e modelos propostos ao longo da história. Diz ele: “Toda a história da metafísica é um processo progressivo de substituição de palavras fundamentais. Todas essas palavras pretendem sempre dizer o mesmo – presença –, mas o dizem sempre de modo diferente. A corrente dessas substituições constitui-se como um efeito da lei da diferença. Hoje estamos, por isso, não no fim, mas no encerramento da metafísica: somente acaba o pensamento da presença, mas a estrutura da diferença que subjaz a ele e aponta para além dele não acaba, antes, prossegue. Não chega ao fim a estrutura de organização da metafísica, a diferença, mas unicamente o princípio da metafísica: a presença” (*Idem*, pp. 33-34).

³⁸ Conforme fio condutor em STEIN, Ernildo. *Às voltas com a metafísica e a fenomenologia*. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

³⁹ O lugar da compreensão hermenêutica fática inaugura-se em HEIDEGGER, Martin. *Ontologia (Hermenêutica da faticidade)*. Traduzido por Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2013.

fundamento absoluto⁴⁰, pode ser classificado com pretensões metafísicas de uma filosofia na esteira de uma revigorada metafísica da finitude e da historicidade onde a linguagem assegura o potencial de universalidade a unir o indivíduo e o mundo⁴¹. Há em Gadamer o eco heideggeriano da influência do tempo na interpretação do ser, pois a filosofia hermenêutica é ontológica no sentido de ser “a interpretação teórico-conceitual do ser, de sua estrutura e de suas possibilidades”⁴², as quais se evidenciam no oximoro de *totalidade* da abertura do ser que somente se concretiza na *historicidade* do acontecimento⁴³, da *unidade* do ser em vista da *multiplicidade* dos seus sentidos nesta

⁴⁰ A intenção de Gadamer repousava em justificar a experiência hermenêutica de verdade, sem despencar metafisicamente na transparência última da consciência, tampouco no historicismo relativista que reduz a verdade ao acontecimento fático das contingências da vida. Eis o duplo risco já denunciado por Heidegger de dissolução do ôntico no ontológico ou de dissolução do ontológico no ôntico (HEIDEGGER, Martin. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Traduzido por Marco Antonio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 475). A verdade hermenêutica gadameriana aspira, pois, à transcendência, ao elemento de transcendentalidade, na finitude (GRONDIN, Jean. *Introducción a la metafísica*. Traduzido por Antoni Martínez Riu. Barcelona: Herder Editorial, 2006, pp. 365-366). Realmente o niilismo hermenêutico representa a antítese das pretensões filosóficas de Gadamer, de modo a se admitir a partir da filosofia gadameriana uma orientação hermenêutica regulativa capaz de avaliar criticamente as verdades da interpretação (REIS, Róbson Ramos dos. Historicidade e mudanças relacionais: os limites da compreensão. In *Hermenêutica e epistemologia: 50 anos de Verdade e Método*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011, p. 62). Róbson Ramos dos Reis inclusive aceita com base na fenomenologia hermenêutica de Heidegger o comprometimento ontológico do ser-aí humano com uma normatividade verificável existencialmente no espaço das razões, delimitada, pois, pelas fontes da analítica existencial: isso significa “uma maneira específica de formular perguntas filosóficas e de justificar as linhas de resposta que se abrem” (*Aspectos da modalidade. A noção de possibilidade na fenomenologia hermenêutica*. Rio de Janeiro: Via Vêrita, 2014, p. 281). É no caráter performático e autoadjudicante instituído pela condição ontológica da verdade em Heidegger que se pode responder ao relativismo e ao ceticismo comumente apresentados contra a fenomenologia hermenêutica e a hermenêutica filosófica, isto, pode-se alcançar uma espécie de autoridade criteriosa ou criterial na ontologia mediante o reconhecimento da compreensão do sentido projetado normativamente nos padrões sociais reativos e responsivos tributários do fenômeno comunicacional e justificativo da asserção, consistente em incessantemente “autorizar a prática inferencial e responsabilizar-se pela prática justificacional” (REIS, Róbson Ramos dos. Sentido e verdade: Heidegger e a “noite absoluta”. In *Fenomenologia hoje: existência, ser e sentido no limiar do século XXI*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 336). E conclui Reis, ao apontar que a instituição ontológica do *Dasein* é o lugar da constituição da verdade do sentido (e do sentido da verdade) a interditar o relativismo (qualquer verdade) e a obturação teológica num absoluto eterno (“a” verdade): “Heidegger não está propondo a relatividade de toda verdade efetiva dos enunciados, mas sim o reconhecimento da pressuposição ontológica que está na base da pretensão de dizer o mundo tal como ele é independentemente dos propósitos do existente humano” (*Idem*, p. 338). Benedito Nunes igualmente identifica na contextualidade pragmática do quadro referencial ontológico do próprio ser, isto é, no tripé da facticidade antecipadora do compreender hermenêutico (*Vorhabe, Vorsicht e Vorfriffen*), a condição de possibilidade de se efetuar o módulo crítico de validação da verdade, como uma espécie de técnica hermenêutica de índole histórico-discursiva (Interpretação, discurso e verdade. In *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: UFMG, 1999, pp. 80-81).

⁴¹ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 31.

⁴² HEIDEGGER, Martin. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Traduzido por Marco Antonio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 22.

⁴³ HEIDEGGER, Martin. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Traduzido por Marco Antonio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 30.

atividade global do compreender humano em contato consigo, com os outros e com a história⁴⁴.

Por assim dizer, a hermenêutica filosófica não pode ser concebida como um modelo fraco de ontologia com atenuada intersecção epistemológica se para ela concebemos a envergadura de um modelo filosófico de pensamento capaz de se suportar na alegada universalidade preconizada desde o imperativo gadameriano⁴⁵. Eis a descendência indelével oriunda do expoente modificativo em Heidegger do sentido do ser antecipatório da própria metafísica: a hermenêutica filosófica se abebera do horizonte último da determinação historicamente situada e interpretativa do compreender, prefigurando uma espécie de ontologia fundamental constitutiva da própria condição de possibilidade dos fundamentos da ontologia tradicional⁴⁶. A ontologia fraca, portanto, somente se compatibiliza com o programa filosófico da hermenêutica, caso a sua debilidade repouse na deliberada recusa – e no próprio aceite de impossibilidade conforme os seus conseqüências – de um critério direcionado a um projeto de metafísica consumada rumo a um deslinde absoluto, definitivo e totalizador, ao mesmo passo em que a hermenêutica filosófica paradoxalmente se reestrutura às custas de uma ontologia forte configuradora de uma razão hermenêutica aberta e dotada de princípios que não se exaurem no discurso apofântico⁴⁷.

⁴⁴ STEIN, Ernildo. A fenomenologia hermenêutica. In *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 44.

⁴⁵ A pretensão de abrangência e universalidade da hermenêutica filosófica e a sua reivindicação conceitualmente forte como filosofia são fatores relevados por Luiz Rohden para restituir à ontologia uma conotação essencialmente hermenêutica capaz de ser conciliada com a metafísica inacabada e arejada nos rumos do sentido ornamentado pelo compreender, cuja tensão não se resolve pelo atravessamento linguístico (*Hermenêutica filosófica. Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, pp. 276-286).

⁴⁶ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A filosofia na crise da modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 118.

⁴⁷ O fundamento é, pois, ontológico, ao não se reduzir ao esquema da proposição da linguagem, sendo-lhe anterior ou subjacente no pressuposto da interpretação originária da abertura do compreender do ser-aí. Como assevera Benedito Nunes, ao dizer que o lugar da verdade corresponde à instância do Dasein e não ao universo da proposição, “Heidegger não quer destruir a proposição em benefício da interpretação, e sim mostrar, numa espécie de recuo, remontando à essência, que a proposição é uma entidade lógica com fundamento ontológico” (Interpretação, discurso e verdade. In *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: UFMG, 1999, pp. 78-79 e 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia hermenêutica se consolidou no transcorrer do século vinte. Ela, contudo, se embreita nos limites do conhecimento humano, ou melhor, na expressão de inteligibilidade do código interpretativo estruturado na linguagem. Nem se trata de colocar à prova o legado interpretativo do mundo: todos têm acesso às coisas pela via da interpretação. Mas o acesso é às coisas mesmas, como se o produto da compreensão significativa fosse uma espécie de produto incontroverso e infalível ao sabor do absoluto? Ou será a interpretação uma via incontornavelmente subjetiva e incomensurável, a ponto de se sugerir um bloqueio epistemológico de dispersão infinita, sobre o qual, em termos paradoxais, podemos falar, mas perante o qual não se consegue intermediar um caminho de resolução (mesmo transitório em vista de sua peculiar contingência histórica)? A filosofia, substantivada em hermenêutica filosófica, teria abdicado do seu espaço de razões, da sua familiaridade em saber? Repensam-se as raízes do pensamento filosófico nos dias de hoje. Se uma determinada concepção se autoproclama com envergadura filosófica, é porque ela almeja se constituir enquanto discurso metafísico sobre o todo (ontologia), mas não só isso, senão, no reverso da moeda metafísica, dizer como se pretende legitimar com a pretensão de racionalidade (epistemologia) ínsita ao programa de uma filosofia⁴⁰⁸.

É absolutamente difícil escrever sobre o estatuto da compreensão e da interpretação, cuja dificuldade já remonta aos trabalhos pioneiros do Heidegger do entorno histórico de “Ser e Tempo”. Por que a filosofia heideggeriana mostra-se tão marcante, a ponto de inaugurar um legítimo paradigma filosófico? Em que medida o objetivo de Heidegger, enfaticamente enraizado, ao longo dos anos vinte do século vinte, na ontologia fundamental preparatória de um modo radical de enfrentamento do ser mediante a analítica existencial, perdeu-se nas décadas sucessivas de sua trajetória intelectual ou inelutavelmente nada mais pôde dizer, sob pena de ingressar numa teoria do conhecimento reduzida à (tão visceralmente criticada por ele) metafísica de causas

⁴⁰⁸ Luiz Rohden corrobora a recuperação do estatuto metafísico para a hermenêutica filosófica, conquanto a noção de metafísica seja implícita nos escritos de Hans-Georg Gadamer: para o autor, trata-se de uma metafísica hermenêutica descendente da metafísica dialética de Platão, efetivada pela linguagem no diálogo entre teoria e prática (*Metafísica dialética enquanto exercício teórico-prático na Carta VII de Platão*. In *Hermenêutica e dialética: entre Gadamer e Platão*. São Paulo: Edições Loyola, 2014, pp. 151-152). Enaltecendo por igual o processo dialógico da hermenêutica filosófica, ALMEIDA, Custódio Luís S. de. *A universalidade da hermenêutica*. Revista VERITAS. Volume 44. Porto Alegre: Editora PUCRS, março de 1999, pp. 33-59.

primeiras (ontoteologia)? O mesmo desafio se viu proposto à hermenêutica filosófica descendente de seus seminários tributários da ontologia da faticidade.

Conforme se pôde dispor ao longo deste trabalho, destruir a metafísica jamais significou o fim da metafísica, mas o decreto de extinção de uma maneira específica de metafísica vocacionada para algo que põe fim à pergunta do filósofo, fundamentada, portanto, em alguma causa originária como explicação última e definitiva. A envergadura do projeto de Heidegger de incursionar sobre a questão do ser, com o fito de, por um lado, censurar a questão do esquecimento propugnada pela história da filosofia ocidental (tida como itinerário do esquecimento do ser), para, por outro turno, repor a pergunta pelo ser numa dimensão liberta das amarras (e ilusões) de uma ontoteologia, indica-nos certamente uma figura geométrica sem fim e sem começo a apontar o indispensável atributo de transitividade dessa filosofia: o círculo, denominado círculo (hermenêutico) da compreensão. Assim se passa com a universalidade do problema hermenêutico repostos com outras luzes por Gadamer. Uma filosofia transitiva pode ser considerada uma característica paradoxal daquele módulo de pensamento que, tanto quanto se apresenta como crítica radical do entorno, deixa de apresentar um contraponto externo (supostamente) à altura de quem se enaltece com um projeto assim tão visionário, senão propugna por um modelo “mais do mesmo”, invertendo a perspectiva de “como” assim se o faz.

Trata-se de carecer do problema do ser (impasse básico e clássico da filosofia) para enfrentá-lo sem a renúncia de sua indagação como um existencial, daí a transitividade de uma vigilância que perdura e jamais será passível de coagular-se com a obturação de artifícios argumentativos tendente ao oposto da intransitividade conflagrada numa identidade absoluta. No caso de Heidegger, ele transmudou o “mais do mesmo” para o “mesmo do mais”: o ser que sempre se vela no ente (“mais do mesmo”) não pode ser esquecido pelo homem a tal ponto de o velamento aprisionar o ser, tampouco ser violentado num desvelamento tão incisivo que confundiria o ser com o produto da luz dessa objetivação. O ser que se manifesta nos entes, portanto, deixa de ser desvendado como uma fórmula ressonante de sua própria e identitária configuração conceitual e ontológica, o que seria confundi-lo com o ente, embora seja indispensável – circularmente considerando – o confronto com o ser, numa compreensão que o acompanha como o sentido do ser permanentemente em vigília crítica. A transitividade conecta-se à existência humana na dupla pertença de estar-em e apontar-para: estamos imersos na temporalidade vital e apontamos para significados constituintes de um

panorama intrinsecamente influente entre a historicidade do passado, a decaída do presente e a existência no futuro.

Certamente Heidegger não foi o pioneiro na história da filosofia a angariar o projeto do ser na mola propulsora da existência. Ele mesmo dedica espaço a antecessores filósofos que, como Dilthey, forneceram espaço para o aspecto da historicidade do homem ou para a hermenêutica dos fatos históricos. Ocorre que o feito original heideggeriano radica na sua tentativa de fundir historicidade com a transcendentalidade. A abordagem ontológico-fundamental do filósofo, entendida por Karl-Otto Apel como a “radicalização filosófica da hermenêutica”⁴⁰⁹, não poderia, contudo, assumir nesse transcendental histórico um substituto ontológico à altura da perfeição absoluta colimada pela metafísica ontoteológica (por ele criticado, no que seria uma contradição performativa). Portanto, esse transcendental deixa de se revestir de uma espécie de “onto-semântica transcendental”, porque “quer deixar que o entendimento do ser, como maneira de ser do ser-aí humano que se relaciona com seu próprio ser, interprete-se a si mesmo – deixando assim que o próprio ser que se temporaliza historicamente interprete-se a si”⁴¹⁰.

Nas próprias palavras do filósofo, ele procura reprimir a tentação do mero ser histórico aí projetado na existência, cujo equívoco metafísico apenas promoveria uma transposição secularizada da ontoteologia. Em tal gritante – embora fatídico, porquanto de fácil insurgência – erro de conversão da ontologia fundamental em um existencialismo de chancela metafísico-apodíctica, incorreu Sartre, por exemplo. Heidegger reprime a interpretação de sua frase reiterada em “Ser e Tempo”, qual seja, “a existência do homem é a sua substância” por uma espécie de insistência metafísica, embora artificialmente negada como tal, no sentido sartreano de que “a existência precede a essência”. Segundo ele, a inversão de uma frase metafísica permanece uma frase metafísica. O aspecto transcendental da ontologia hermenêutica de Heidegger jamais quis apressar a relação entre essência e existência, porque em “Ser e Tempo” se prepara algo precursor – porque coincidente com a inelutável finitude do plano ontológico prévio do Dasein – a essa distinção. Em poucas palavras, já explicitadas no

⁴⁰⁹ APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia. 1: Filosofia, Analítica, Semiótica, Hermenêutica*. Traduzido por Paulo Astor Soethe. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 333.

⁴¹⁰ APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia. 1: Filosofia, Analítica, Semiótica, Hermenêutica*. Traduzido por Paulo Astor Soethe. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 347.

início do tratado, eis o paradoxo do círculo, busca-se o ser quando já se o possui na compreensão prévia constitutiva do projeto existencial⁴¹¹.

Um pouco dessa transitividade explica os jargões voluntariosos da linguagem de Heidegger, bem decifrados no recurso incansável do hífen. O hífen vai solenizar o “como” da existência, nesse apontar para as coisas mesmas sem nelas objetivar-se numa entidade paralisante e conformadora. O pensamento de Heidegger só pode ser vertido para outra língua – que não o alemão de sua origem – se entabulado numa tradução amparada pelo desforço de traduzir explicativo por meio de palavras diferentes – que excedem o próprio campo isonômico da mera conversão de termo por termo – das originais em sua pátria linguística, ou por vocábulos os mais semelhantes imbuídos do indispensável gráfico transitivo do hífen ou da pontuação inacabada das reticências. Porque a filosofia de Heidegger, em especial irrompida por “Ser e Tempo” e o seu entorno temático dos anos vinte, necessita de uma nomenclatura especial, performática, cuja obrigação denota um dever de o pensamento prestar contas com o ser-aí, com a presença enquanto um existencial carente de significância, de compreensibilidade, de interpretação e de delimitações precisas derivadas da concretude do tempo histórico.

A metafísica heideggeriana enquanto fenomenologia projeta uma ontologia possível, finita, aberta, embora o seu essencial aspecto de incomensurabilidade jamais deixe de se permitir ao escrutínio da razão. Ocorre que a razão passa a ser reivindicada em módulo próprio, de maneira a interditar o inverso do absoluto ser; o encurtamento hermenêutico, assim sendo, sob pena de ser infligido pela contradição advinda do extremo oposto de quem milita contra o conceito absoluto, não poderá quedar em prol de uma categoria isenta de delimitação e problematização, porquanto aí restará imersa no combalido relativismo, nihilismo ou insípida arbitrariedade. Todo o compreender, então, adere a uma interpretação que lhe explicita o enunciado como um porvir concretizado em dada possibilidade, embora nela não se reduza subserviente a um espectro definitivo, apesar de se apoiar ali na busca por novas potencialidades, apesar de essas estarem já condicionadas pela prévia disposição outrora refletida e concretizada em ato.

Heidegger introduz, portanto, o conceito de transcendental de modo diverso ao proposto por Husserl e pela tradição: o ser deixa de ser gênero, tornando-se aquilo que pode ser predicado de múltiplos modos (falsa universalidade). A estrutura do ser não

⁴¹¹ STEIN, Ernildo. *Compreensão e finitude. Estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Editora Unijuí, 2001, pp. 245-246.

pode ser reconduzida a uma causa sui (causa primeira): o ser é o simplesmente transcendente. O ser está ligado à compreensão; o Dasein é o lugar da manifestação do ser (transcendência especial, porque permite a mais radical e máxima individuação). A fenomenologia é conhecimento transcendental; a verdade fenomenológica (abertura do ser) é a verdade transcendental.

A fenomenologia é a ciência procurada: ciência do ser é a própria filosofia, que precisa ser levada adiante, em infinitas ocupações, jamais chegando a culminar em ponto de chegada absoluto. Metafísica não é ontoteologia; portanto, a fenomenologia é a metafísica de Heidegger. A filosofia é uma ontologia fenomenológica universal que parte da hermenêutica do Dasein com fundamento na analítica existencial (mediante o círculo hermenêutico – de onde brota e retorna). A fenomenologia não é um método, tampouco algo real que vise a radicar na experiência, mas uma possibilidade de pensar o ser do ente, ou o ente em seu ser. “Mais elevada do que a realidade está a possibilidade”. A possibilidade é um hipotético caminho da interrogação (não se trata de uma mera modalidade do efetivo).

A possibilidade está acima da realidade; com esta frase, Heidegger aniquila com a ontologia clássica, porque desloca a possibilidade de uma mera modalidade ou categoria do ser. A possibilidade passa a projetar a antecipação do próprio ser, com a noção de uma abertura que jamais se encerra, enquanto um existencial. Ontologia como efetividade e realidade dada é uma noção recusada por Heidegger. Aqui se entra num outro paradigma, num elemento concreto, de modo prático de ser-no-mundo. É por isso que ele dá aos conceitos éticos (práticos) de Aristóteles uma dimensão ontológica; ao mesmo tempo, converte a dimensão metafísica numa esfera de caráter prático. O ontológico se torna prático e a ética se ontologiza como um existencial. Nunca mais a ontologia será pensada como algo estabelecido e acabado, porque, enquanto ontologia fundamental, ela se transforma num ponto de partida.

Há uma noção de aposta em Heidegger, de partir da hermenêutica do Dasein: pela compreensão (método hermenêutico compreensivo-interpretativo): antecipa-se (característica de provisoriedade) toda uma analítica existencial ao final da qual o método vai se mostrar ou não eficaz. Existe um movimento cujo método se manifesta uma aposta ante a necessidade de paradas metodológicas; o método não garante, embora por intermédio dele, pela interpretação, verificam-se os seus resultados como existenciais. Heidegger, então, inverte a pirâmide da filosofia, cujo ponto de alicerce passa a ser sustentado pelo vértice – ilustração constantemente desafiada pelo

movimento pendular característico do constante equilíbrio a se buscar entre o velamento e o desvelamento do ser. O filósofo, por meio do estatuto da compreensão prévia configurador da abertura do ser-aí, se despede, então, da arquimédica base metafísica de outrora, sustentada pelo imobilismo de uma das achatadas bases da pirâmide. Sem o querer, a filosofia heideggeriana indiciou o prelúdio da era póstera da transformação, em que o desafio se coloca na abertura impassível de ser sufocada ou diluída na instantaneidade efêmera.

Para Herbert Schnädelbach, o historicismo inverte, assim, a relação entre razão e história, com o que se pode denominar de historicização do compreender. O problema do compreender, que os racionalistas supunham ter resolvido por meio de cânones absolutos de validade imutável, transforma-se em um problema de passagem, insuscetível de redução a um fundamento último, mas inevitavelmente imerso num novo modelo de compreensão sempre renovado. Trata-se de diluir a base estática do compreender típica do modelo racionalista. Não se pode impedir que autor, texto e intérprete ingressem em uma nova constelação histórica; por isso, o compreender não pode ser concluído, nem mesmo ser pensado como concluído, porque ninguém pode ter a visão geral sobre “todo o sentido” do acontecer do texto, pois ele mesmo está posto como compreendente na dimensão histórica desse compreender⁴¹².

Ao trazer à tona o pensamento de Hegel, Schnädelbach não mais restringe o campo do compreender ao âmbito dos textos: ao criticar o filósofo de Iena na sua tentativa de promover a síntese entre o histórico e o sistemático de uma forma assimétrica (assimetria hermenêutica) em direção ao pendor do conceito absoluto, ele necessariamente recai para o contraponto abrangente da universalidade hermenêutica. Como ele diz, ao reconhecer as condições subjetivas de compreensão nas quais o compreendido sempre se encontra, estamos a falar no “horizonte no qual todo sentido compreensível já sempre se situa”⁴¹³. E ao falar no todo, ingressa aqui o atributo essencialmente filosófico do transcendental: “o nosso objeto não pode ser pensado independentemente do modo como nos aparece”⁴¹⁴. As condições históricas possibilitam um significado constitutivo de nosso poder compreender para aquilo que nós cada vez compreendemos; a historicidade cria novas situações teóricas. O

⁴¹² In STEIN, Ernildo. *Racionalidade e existência. O ambiente hermenêutico e as ciências humanas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, p. 132.

⁴¹³ In STEIN, Ernildo. *Racionalidade e existência. O ambiente hermenêutico e as ciências humanas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, p. 133.

⁴¹⁴ In STEIN, Ernildo. *Racionalidade e existência. O ambiente hermenêutico e as ciências humanas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, p. 133.

pensamento transcendental das condições de possibilidade do conhecimento é integrado na teoria da compreensão, cujo berço histórico desnatura qualquer tentativa de se pensar a consciência fora da história. Daí deriva a importância da razão humana historicamente situada, embora não subtraída aos anseios da racionalidade – ou não dispersa arbitrariamente no devir histórico, porquanto esta razão hermenêutica passa a ser produzida e garantida em processos de compreensão mediados pela intersubjetividade racional.

Compreender o sentido passa a constituir o fundamento da razão, e não mais a sua consequência. O problema hermenêutico, além de se alargar como universal, passa a se sobressair como fundamental. Vale a pena reproduzir a tônica filosófica desse movimento advindo do historicismo emergente, cujo alcance é de não-retorno: deve-se levar em conta necessariamente “esta auto-compreensão em qualquer teoria da razão – não apenas na teoria da razão hermenêutica: a transcendentalização da razão histórico-hermenêutica significa, ao mesmo tempo, uma historicização da Filosofia transcendental”⁴¹⁵. Aqui se encontra o eixo da ontologia fundamental, a circularidade em que nós nos compreendemos e compreendemos o ser, um fundamento, portanto, que ao mesmo tempo em que nos funda, nós o fundamos mediante a compreensão⁴¹⁶. Por isso se trata em Heidegger e Gadamer de tornar o elemento histórico num substrato consistente – da ordem de um novo transcendental – não mais posto sob o risco da diluição típica dos conceitos concebidos pela Escola Histórica Alemã. A problemática da racionalidade será dependente, pois, da analítica da facticidade.

A universalização hermenêutica decorre, paradoxalmente, de um encurtamento hermenêutico de onde se expõem os elementos últimos, perfeitos, absolutos, definitivos e exógenos de racionalidade metafísica de estirpe ontoteológica. Supunha-se que universalizar consistiria em alargar até os confins da realidade; no entanto, ocorre um encurtamento hermenêutico que paradoxalmente alberga o todo da possibilidade mediante o ingresso no círculo hermenêutico do compreender. Ocorre, então, aquilo que Stein denomina de pluralização do transcendental, na medida em que o limite, as condições de possibilidade, são finitas e práticas, da ordem provisória emanada da finitude oriunda da ontologia fundamental.

⁴¹⁵ In STEIN, Ernildo. *Racionalidade e existência. O ambiente hermenêutico e as ciências humanas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, p. 134.

⁴¹⁶ STEIN, Ernildo. *Pensar e errar. Um ajuste com Heidegger*. Ijuí: Unijuí, 2011, p. 88.

Podemos afirmar que os parágrafos 31 e 32 de “Ser e Tempo” arregimentam o estatuto da compreensão para a hermenêutica filosófica – que funciona como base existencial – como lugar da origem do método hermenêutico (circular) de investigação do ser-aí, cujo ponto de culminância mostra-se na situação hermenêutica evidenciada no § 63 do tratado. Isso significa que as proposições da analítica existencial somente podem ser acompanhadas através da circularidade da antecipação de sentido e nas paradas metodológicas entre a compreensão do contexto de descoberta e a explicitação do módulo de justificação interpretativa. O que se faz bem perceber tal método é o seu pertencimento à situação hermenêutica, numa afecção significativa que acompanha o ser humano para o fim de, mais do que entender, compreender o que se move em seu entorno, sem ignorar a tarefa de racionalidade a que se propõe a filosofia em direção ao estabelecimento de razões oponíveis no esquadro intersubjetivo do logos apofântico, o qual, definido operacionalmente como necessário, não esgota com um ponto final as possibilidades existenciais do compreender as quais permitem o seu constante e crítico revisar-se.

Para concluir com a interface de Heidegger e Gadamer nessa emancipação do compreender histórico, calha registrar um acontecimento importante. Em seminário realizado em setembro de 2014 na cidade de Porto Alegre, cujo escopo era homenagear a trajetória filosófica de Ernildo Stein por ocasião dos seus oitenta anos, Manfredo Araújo de Oliveira não deixou de transmitir em alguma medida esse obstáculo de compreensão análogo à ressalva de Puntel diante da hermenêutica. Trata-se de endossar na linguagem e na sua explicitação significativa de universalidade o estatuto único, senão último, da racionalidade humana. Como se o *logos* apofântico articulasse uma prioridade frente ao prévio compreender emanado do existencial, ou então fosse a linguagem o escrutínio redutor do contexto experimental nas relações fáticas onde acontece o ser-aí. Nada poderia ir tão de encontro ao pensamento de Stein – e ao núcleo da hermenêutica substantivada a partir de Gadamer –, pois considera-se problemática a via única e exclusiva de proximidade do humano para com os objetos por intermédio da linguagem.

Segundo Manfredo Araújo de Oliveira⁴¹⁷, Stein assume as consequências da proposta de Heidegger. E isto implica dizer que a filosofia carece de um pensamento

⁴¹⁷ A referência ao autor nesse e nos próximos dois parágrafos se justifica pelo conteúdo enunciado em sua palestra (a qual foi gravada e literalmente transcrita), a qual foi realizada em Porto Alegre por ocasião de Evento Acadêmico em homenagem aos 80 anos do Professor Ernildo Stein (15 e 16 de setembro de

fenomenológico (na versão heideggeriana). Trata-se de pensar fenomenologicamente, por meio da fenomenologia hermenêutica, o ser enquanto tal, no seu sentido originário mais universal. Para Oliveira, trata-se de promover um recuo frente à conceitualização, que nos faz ver. Portanto, um retorno à esfera originária, pré-conceitual, pré-lógico-enunciativo e ponto de partida e fundamento de qualquer articulação teórica. Essa esfera, a compreensão, tem precedência frente ao discurso conceitual. Adota-se, então, uma perspectiva distintiva entre a expressão (entidade linguística - conceito) face ao conteúdo intuído e compreendido (entidade mental – intuição e compreensão). A linguagem tornar-se-ia, para Stein, essencialmente posterior ao sentido captado na intuição intelectual (como compreensão prévia do sentido das coisas, que é fundamento do discurso e superior à respectiva expressão discursiva, que é incapaz de dar conta de toda a riqueza do sentido captado na compreensão). A razão humana, assim, possuiria duas funções básicas, mutuamente complementares (fundamentalmente distintas): a compreensão-intuição e a exposição conceitual do sentido intuído. A intuição tem precedência enquanto fundamento da exposição conceitual que constitui uma complementação necessária daquilo que foi intuitivamente captado. A intuição-experiência é captação de sentido, contato imediato com a realidade, sem mediação conceitual. O conceito é depois uma tradução, sob a forma de expressão linguística.

Sabe-se que a virada linguística do século XX mudou a concepção de conceito. Este deixa de ser entendido como entidade mental, e passa a ser entendido como uma realidade expressa pela linguagem, o conteúdo linguisticamente expresso, uma proposição que é indicadora de um fator ontológico. Surge, aí, a pergunta de Manfredo diante da proposta de Stein sobre estarmos às voltas com a metafísica e a fenomenologia: qual é a razão de ser e a necessidade da expressão conceitual posterior que já foi dada na compreensão? Se a linguagem discurso é distinta da compreensão e exterior a ela e articula conteúdos conceituais que são distintos da intuição-compreensão, como entender e saber que a linguagem discurso capta o que nos foi dado antes, mesmo que se diga, como faz Stein, que os conceitos na fenomenologia são abertos, e não fechados? Para Oliveira, vislumbra-se aqui um primeiro problema básico: a dicotomia entre compreensão e conceito. Seria possível, indaga ele, pensar uma compreensão não-conceitual, sem que seja inteiramente indeterminada e vazia de todo e

2014 na UNISINOS). Em alguma medida a posição ora enunciada se amolda à sua descrição e crítica da ontologia fundamental em Heidegger (*Antropologia filosófica contemporânea. Subjetividade e inversão teórica*. São Paulo: Paulus, 2012, pp. 116-121).

qualquer conteúdo articulável e inteligível? Seria possível, prossegue, pensar num conteúdo pré-conceitual da compreensão e assim situar o conceito como algo fora do processo compreensivo-intelectivo? O conceito não se tornaria, assim, supérfluo, pois o real já seria antes compreensivamente captado? Manfredo aponta para uma certa ambiguidade no discurso de Stein, especialmente no trato da determinação. Somente o determinado é cognoscível. Pensar é diferenciar. O critério de determinação é o critério que todo o objeto de conhecimento deve satisfazer. A expressão conceitual constitui elemento ontológico da própria coisa, a sua capacidade de ser expressada, senão seria destituída de sentido, mesmo incidente em expressabilidade conceitual posterior à compreensão (e admitida pela fenomenologia hermenêutica). Se o ser em sua universalidade é expressável, temos de admitir uma instância igualmente universal de expressabilidade (linguagem), a correlacionar essencialmente ser e linguagem.

Manfredo recusa, portanto, a esfera do pré-conceitual como independente da linguagem. Heidegger, afirma ele, curiosamente cada vez mais introduz a linguagem como algo central em seu pensamento. O fenômeno é aquilo que se expressa na linguagem. Certo é que ele resgata uma nova linguagem para aportar essa nova metafísica (que ele não conseguiu realizar plenamente). A expressabilidade da realidade pressuposta pela atividade compreensiva não é inteligível sem uma instância que a exprima. A tese de um mundo nu, sem qualquer relação a algo (como a linguagem, espírito, conceito), enclausurado em si mesmo, é uma impossibilidade metafísica e ininteligível. A inteligibilidade implica algo conceitual, algo expresso na linguagem, conteúdo linguisticamente articulado. O que faz surgir um segundo problema no pensamento arraigado na fenomenologia hermenêutica. O fato do conceito de ser estar ligado ao conceito de compreensão já indica uma espécie de resistência à teoria. Oliveira afirma que a filosofia deve tematizar, articular e expor aquilo que é compreendido do real, não se reduzindo ao cotidiano (ao simplesmente dado, idêntico ao dia-dia, do intersubjetivamente compartilhado pela comunicação). A filosofia se faz na esfera da linguagem, dos conceitos, tematiza os componentes irrenunciáveis da sua linguagem (dimensão semântica, formal, pragmática, lógico-matemática, conceitualidade). A filosofia visa, então, ao esclarecimento da teoreticidade, dizer o que é uma teoria filosófica, em suma. Como aclarar essa dimensão do ser, primordial, que abranja tudo, descurando da linguagem?

Desse debate, tanto quanto as linhas dessa tese, ressoam considerações reflexivas para a consideração da hermenêutica como filosofia. Mais do que isso,

propiciam-se meios para a defesa da hermenêutica filosófica como um autêntico filosofar. Um filosofar que reivindica noutras bases a universalidade metafísica finitamente inacabada nessa configuração consumativa que não se deixa obturar no absoluto deleite de um conceito, de uma fórmula ou de uma expressão. Tampouco no devir fatalista da história, mesmo sendo dela o leito da compreensão e da interpretação com as quais inevitavelmente lidamos em nosso quefazer filosófico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEL, Günter. *Verdade e Interpretação*. Traduzido por Ronel Alberti da Rosa. Revista VERITAS, PUCRS, volume 47, março 2002, Porto Alegre.
- ALMEIDA, Custódio Luís S. de. *A universalidade da hermenêutica*. Revista VERITAS. Volume 44. Porto Alegre: Editora PUCRS, março de 1999.
- ALMEIDA, Custódio Luís S. de. Hermenêutica e dialética. Hegel na perspectiva de Gadamer. In *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- APEL, Karl-Otto. *Teoría de la verdad y ética del discurso*. Traduzido por Norberto Smilg. Barcelona: Paidós, 1991.
- APEL, Karl-Otto. É a morte uma condição de possibilidade de significado? (Existencialismo, Platonismo ou Pragmática transcendental da Linguagem?). In *Finitude e Transcendência. Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein*. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- APEL, Karl-Otto. *Transformação da filosofia II. O a priori da comunidade de comunicação*. Traduzido por Paulo Astor Soethe. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia. 1: Filosofia, Analítica, Semiótica, Hermenêutica*. Traduzido por Paulo Astor Soethe. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- AQUILES VON ZUBEN, Newton. A fenomenologia em questão: desafios de um projeto. In *Paradigmas filosóficos da atualidade*. Campinas: Papirus, 1989.
- AUBENQUE, Pierre. *Desconstruir a metafísica?* Traduzido por Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- BILEN, Osman. *The Historicity of Understanding and The Problem of Relativism in Gadamer's Philosophical Hermeneutics*. Washington: Cultural heritage and contemporary change, 2000.
- BLANC, Mafalda de Faria. *Introdução à ontologia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2011.
- BLEICHER, Josef. *Hermenêutica contemporânea*. Traduzido por Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BORNHEIM, Gerd. *Metafísica e finitude*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- DE WAELHENS Alphonse. Sobre uma hermenêutica da hermenêutica. In *Hermenêutica e Epistemologia. 50 Anos de Verdade e Método*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011.
- CASANOVA, Marco Antonio. Introdução à psicologia descritiva e analítica de Wilhelm Dilthey: a hermenêutica diltheyana como crítica das ciências naturais. Apresentação de DILTHEY, Wilhelm. Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.
- CHAUÍ, Marilena. *Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo. Espinosa, Voltaire Merleau-Ponty*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. Traduzido por Carlos Lopes de Matos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- COSTA, Joice Beatriz da. *Análise da linguagem: a condição de possibilidade dos enunciados filosóficos*. Ijuí: Editora Unijuí, 2013.

- DAVEY, Nicholas. *Unquiet understanding: Gadamer's philosophical hermeneutics*. Albany: State University of New York, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Escritura e Diferença*. Traduzido por Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- DILTHEY, Wilhelm. *Dos escritos sobre hermenéutica: El surgimiento de la hermenéutica y los esbozos para una crítica de la razón histórica*. Traduzido por Antonio Gómez Ramos. Madrid: Istmos, 2000.
- DÜSING, Klaus. *Modelos de autoconsciência. Críticas modernas e propostas sistemáticas referentes à subjetividade concreta*. Traduzido por Ison Kayser. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.
- ECO, Umberto. O pensamento fraco versus os limites da interpretação. In *Da árvore ao labirinto. Estudos históricos sobre o signo e a interpretação*. Traduzido por Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- FERRARIS, Maurizio. *Historia de la Hermenéutica*. Traduzido por Jorge Pérez de Tudela. Madri: Ediciones Akal, 2000.
- FERRARIS, Maurizio. *La hermenéutica*. Traduzido por José Luis Bernal. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2001.
- FIGAL, Günter. *Oposicionalidade: o elemento hermenêutico e a filosofia*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FIGAL, Günter. Fenomenología de la cultura. Verdad y método después de cuarenta años. In *"El ser que puede ser comprendido es lenguaje". Homenaje a Hans-Georg Gadamer*. Traduzido por Antonio Gómez Ramos. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.
- FLEIG, Mario; SANTOS, Vanice dos; PIMENTEL, Felipe Garrafiel. Heidegger com Husserl: a dupla omissão da Fenomenologia husserliana e a necessidade de um segundo começo. In *Hermenêutica e filosofia primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
- FLICKINGER, Hans-Georg. Da experiência da arte à hermenêutica filosófica. In *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- FRANK, Manfred. Introdução do editor. In SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica e crítica*. Traduzido por Aloísio Ruedell. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- GADAMER, Hans-Georg. Da palavra ao conceito. A tarefa da hermenêutica enquanto filosofia. Traduzido por Hans-Georg Flickinger e Muriel Maia-Flickinger. In *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- GADAMER, Hans-Georg. Hermenéutica. In *Diccionario de Hermenéutica*. Dirigido por A. Ortiz-Osés e P. Lanceros. Bilbao: Universidad de Deusto, 2001.
- GADAMER, Hans-Georg. A universalidade do problema hermenêutico. In *Verdade e Método II: complementos e índice*. Traduzido por Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GADAMER, Hans-Georg. A verdade nas ciências do espírito. In *Verdade e Método II. Complementos e índice*. Traduzido por Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. Entre fenomenologia e dialética – Tentativa de uma autocrítica. In *Verdade e Método II: complementos e índice*. Traduzido por Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. Linguagem e compreensão. In *Verdade e Método II: complementos e índice*. Traduzido por Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. O problema da história na filosofia alemã mais recente. In *Verdade e Método II: complementos e índice*. Traduzido por Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. O que é a verdade? In *Verdade e Método II. Complementos e índice*. Traduzido por Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. Réplica à Hermenêutica e crítica da ideologia. In *Verdade e Método II: complementos e índice*. Traduzido por Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. Sobre a problemática da autocompreensão – Uma contribuição hermenêutica ao tema da “desmitologização”. In *Verdade e Método II. Complementos e índice*. Traduzido por Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica de la Modernidad. Conversaciones con Silvio Vietta*. Traduzido por Luciano Elizaincín-Arrarás. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. Hermenêutica e diferença ontológica. In *Hermenêutica em retrospectiva. Volume I. Heidegger em retrospectiva*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. Lembranças dos momentos iniciais de Heidegger. In *Hermenêutica em retrospectiva. Volume I. Heidegger em retrospectiva*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. A hermenêutica e a escola de Dilthey. In *Hermenêutica em retrospectiva. Volume II. A virada hermenêutica*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Vozes: Petrópolis, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. Fenomenologia, hermenêutica e metafísica. In *Hermenêutica em retrospectiva. Volume II. A virada hermenêutica*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Vozes: Petrópolis, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. Os limites da razão histórica. In *Hermenêutica em retrospectiva. Volume II. A virada hermenêutica*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Vozes: Petrópolis, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. A idéia da filosofia prática. In *Hermenêutica em retrospectiva. Volume III. Hermenêutica e a filosofia prática*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. Historicidade e verdade. In *Hermenêutica em retrospectiva. Volume III. Hermenêutica e a filosofia prática*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. Razão e filosofia prática. In *Hermenêutica em retrospectiva. Volume III. Hermenêutica e a filosofia prática*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.

- GADAMER, Hans-Georg. *El último diós. La lección del siglo XX. Un diálogo filosófico con Riccardo Dottori*. Traduzido por José Luis Iturrate Veá. Anthropos Editorial: México; Universidad Autónoma Metropolitana: Cuajimalpa, 2010.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Traduzido por Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GADAMER, Hans-Georg. A ideia da lógica hegeliana. In *Hegel, Husserl, Heidegger*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. Hegel e Heidegger. In *Hegel, Husserl, Heidegger*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. Kant e a virada hermenêutica. In *Hegel, Husserl, Heidegger*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. O caminho uno de Martin Heidegger. In *Hegel, Husserl, Heidegger*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. O movimento fenomenológico. In *Hegel, Husserl, Heidegger*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. Sobre a atualidade da fenomenologia husserliana. In *Hegel, Husserl, Heidegger*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GAETA, Rodolfo; GENTILE, Néida; LUCERO, Susana. *Aspectos críticos das ciências sociais. Entre a realidade e a metafísica*. Traduzido por Carlos Gustavo Wolff Neto. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.
- GAMA B., Luis Eduardo. *Interpretación y relativismo. Observaciones sobre la filosofía de Günter Abel*. Ideas y Valores, vol. LX, núm. 146, agosto, 2011.
- GANDER, Hans-Helmuth. Hans-Georg Gadamer. Na pista do compreender. Traduzido por Ilson Kayser. In *Filósofos da Atualidade*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.
- GONÇALVES, Joaquim Cerqueira. Filosofia e Hermenêutica. In *Itinerâncias de Escrita. Volume II. Hermenêutica/Filosofia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2013.
- GREISCH, Jean. Hacia una hermenéutica del sí mismo: la via corta y la via larga. In *Horizontes del relato: lecturas y conversaciones con Paul Ricœur*. Madrid: Universidad Autónoma, 1997.
- GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Traduzido por Benno Dischinger. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1999.
- GRONDIN, Jean. *Hans-Georg Gadamer. Una biografía*. Traduzido por Angela Ackermann Pilári, Roberto Bernet e Eva Martín-Mora. Barcelona: Herder Editorial, 2000.
- GRONDIN, Jean. *Introducción à Hans-Georg Gadamer*. Traduzido por Constantino Ruiz-Garrido. Barcelona: Herder Editorial, 2003.
- GRONDIN, Jean. *Introducción a la metafísica*. Traduzido por Antoni Martínez Riu. Barcelona: Herder Editorial, 2006.
- GRONDIN, Jean. *Qué es la hermenêutica?* Traduzido por Antoni Martínez Riu. Barcelona: Herder, 2008.
- GRONDIN, Jean. Nihilistic or Metaphysical Consequences of Hermeneutics? In *Consequences of hermeneutics: fifty years after Gadamer's Truth and Method*. Northwestern University Press, 2010, E-book.

- GRONDIN, Jean. Fenomenología o hermenéutica. Un intento para comprender un afán común dentro del movimiento fenomenológico desde su práctica hermenéutica. In *Lenguaje y categorías en la hermenéutica filosófica*. Madri: Editorial Biblioteca Nueva, 2012.
- GRONDIN, Jean. *Must Nietzsche be Incorporated into Hermeneutics? Some Reasons for a Little Resistance.* IRIS, [S.l.], p. 105-122, Abr. 2010. ISSN 2036-6329. Disponível em: <http://www.fupress.net/index.php/iris/article/view/8419>, acesso em janeiro de 2015.
- HAACK, Susan. Reflexões sobre o relativismo: da tautologia momentosa à contradição sedutora. In *Manifesto de uma moderada apaixonada: ensaios contra a moda irracionalista*. Traduzido por Rachel Herdy. Rio de Janeiro: Editora PUC; Edições Loyola, 2011.
- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Traduzido por José N. Heck. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- HABERMAS, Jürgen. Hans-Georg Gadamer: Urbanização da Província Heideggeriana. In *Dialética e Hermenêutica*. Traduzido por Álvaro L. M. Valls. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983.
- HABERMAS, Jürgen. A filosofia como guardador de lugar e como intérprete. In *Consciência moral e agir comunicativo*. Traduzido por Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. Ciências sociais reconstrutivas versus ciências sociais compreensivas. In *Consciência moral e agir comunicativo*. Traduzido por Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. Filosofia hermenêutica e filosofia analítica. Duas versões complementares da virada linguística. In *Verdade e Justificação. Ensaio filosófico*. Traduzido por Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HABERMAS, Jürgen. Agir comunicativo e razão destranscendentalizada. In *Entre naturalismo e religião. Estudos filosóficos*. Traduzido por Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.
- HABERMAS, Jürgen. *A lógica das ciências sociais*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo. Racionalidade da ação e racionalização social. Volume 1*. Traduzido por Paulo Astor Soethe. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. *Lógica. La pregunta por la verdad*. Traduzido por J. Alberto Círia. Madri: Alianza Editorial, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. *Prolegómenos para una historia del concepto de tiempo*. Traduzido por Jaime Aspiunza. Madri: Alianza Editorial, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à filosofia*. Traduzido por Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche. Volume II*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. *Platão: o sofista*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

- HEIDEGGER, Martin. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. *Ontologia (Hermenêutica da faticidade)*. Traduzido por Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2013.
- HÖSLE, Vittorio. *Interpretar Platão*. Traduzido por Antonio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- LESSING, Hans-Ulrich. Dilthey y la hermenéutica. In DILTHEY, Wilhelm. *Dos escritos sobre hermenéutica: El surgimiento de la hermenéutica y los esbozos para una crítica de la razón histórica*. Traduzido por Antonio Gómez Ramos. Madrid: Istmos, 2000.
- LÖWITH, Karl. Verdad e historicidad. In *El hombre en el centro de la historia. Balance filosófico del siglo XX*. Traduzido por Adan Kovacsics. Barcelona: Herder, 1998.
- LUFT, Eduardo. *Para uma crítica interna ao sistema de Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- LUFT, Eduardo. *Hermenêutica e sistema*. FILOSOFIA UNISINOS, São Leopoldo, v. 3, n. 4, jan-jun/2002.
- LUFT, Eduardo. Dois questões pendentes no Idealismo Alemão. In *Hermenêutica e filosofia primeira. Festschrift para Ernildo Stein*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
- LUIJPEN, Wilhelmus Antonius Maria. *Introdução à fenomenologia existencial*. Traduzido por Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- MAC DOWELL, João A. Heidegger: O Pensar da Viravolta e a Viravolta do Pensar. In *Heidegger e sua época: 1930-1950*. Porto Alegre: Clarinete, 2014.
- MARQUARD, Odo. *Adiós a los principios. Estudios filosóficos*. Traduzido por Enrique Ocaña. Valencia: Institució Alfons el Magnànim, 2000.
- MARQUARD, Odo. Razón como reacción-límite. La transformación de la razón por la teodicea. In *Felicidad en la infelicidad. Reflexiones filosóficas*. Traduzido por Norberto Espinosa. Buenos Aires: Katz, 2006.
- NAVARRO, María G.. *Interpretar y argumentar. La hermenéutica gadameriana a la luz de las teorías de la argumentación*. Madrid: Plaza y Valdés Editores, 2009.
- NUNES, Benedito. Interpretação, discurso e verdade. In *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Conhecimento e historicidade. In *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Dois leituras de Hegel. Duas propostas de ontologia. In *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. É a dialética, no sentido da tradição, uma dogmática objetivo-metafísica? In *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A filosofia na crise da modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de; CIRNE-LIMA, Carlos. *Apresentação*. In COSTA, Reginaldo da. *Ética do discurso e verdade em Apel*. Belo Horizonte: Del Rey, 2002.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Para além da fragmentação. Pressupostos e objeções da racionalidade dialética contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Dialética hoje. Lógica, metafísica e historicidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Prefácio. In ROHDEN, Luiz. *Interfaces da hermenêutica*. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Antropologia filosófica contemporânea. Subjetividade e inversão teórica*. São Paulo: Paulus, 2012.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014.
- PEETERS, Benoît. *Derrida. Biografia*. Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- PORTOCARRERO, Maria Luísa. *Hermenêutica: questão de método ou filosofia prática?* In *Método e Métodos do Pensamento Filosófico*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007.
- PUNTEL, Lorenz B.. Sobre a complexa relação entre a filosofia e sua história. In *Nós e o Absoluto. Festschrift em homenagem a Manfredo Araújo de Oliveira*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- PUNTEL, Lorenz B.. *Estrutura e ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*. Traduzido por Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.
- PUNTEL, Lorenz B.. *Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia. Estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- QUADROS, Odone José de. *A regra e o jogo ou método e interpretação*. Revista VERITAS. Volume 44. Porto Alegre: Editora PUCRS, março de 1999.
- REIS, Róbson Ramos dos. Sentido e verdade: Heidegger e a “noite absoluta”. In *Fenomenologia hoje: existência, ser e sentido no limiar do século XXI*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- REIS, Róbson Ramos dos. Historicidade e mudanças relacionais: os limites da compreensão. In *Hermenêutica e epistemologia: 50 anos de Verdade e Método*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011.
- REIS, Róbson Ramos dos. *Aspectos da modalidade. A noção de possibilidade na fenomenologia hermenêutica*. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2014.
- RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Traduzido por Artur Morão. Porto: Porto Editora, 1995.
- RICOEUR, Paul. Lógica hermenêutica. In *Escritos e conferências 2. Hermenêutica*. Traduzido por Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologias*. Traduzido por Hilton Japiassu. Petrópolis: Vozes, 2013.
- ROHDEN, Luiz. Verdade contra o método. In *Nós e o Absoluto. Festschrift em homenagem a Manfredo Araújo de Oliveira*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

- ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica filosófica. Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- ROHDEN, Luiz. *Filosofando com Gadamer e Platão: movimentos, momentos e método(s) da dialética*. DISSERTATIO: Revista de Filosofia, Universidade Federal de Pelotas, n. 36, verão de 2012.
- ROHDEN, Luiz. Metafísica dialética enquanto exercício teórico-prático na Carta VII de Platão. In *Hermenêutica e dialética: entre Gadamer e Platão*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Traduzido por Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- RUEDELL, Aloísio. *Da representação ao sentido: através de Schleiermacher à hermenêutica atual*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- SANTOS, Delfim. *Da ambigüidade na metafísica*. Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofia. Mendoza, Argentina, marzo-abril, 1949.
- SCHMIDT, Lawrence K.. Critique: The Heart of Philosophical Hermeneutics. In *Consequences of hermeneutics: fifty years after Gadamer's Truth and Method*. Northwestern University Press, 2010, E-book.
- SCHNÄDELBACH, Herbert. *Filosofia em Alemanha, 1831-1933*. Traduzido por Pepa Linares. Madrid: Cátedra, 1991
- SCHNÄDELBACH, Herbert. Compreender. Traduzido por Ernildo Stein. In *STEIN, Ernildo. Racionalidade e existência. O ambiente hermenêutico e as ciências humanas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008.
- SILVA, Rui Sampaio da. Gadamer e a herança heideggeriana. In *A Idade Hermenêutica da Filosofia*. Revista Portuguesa de Filosofia, t. 56, fasc. 3/4, jul.-dez./2000.
- STEIN, Ernildo. *Melancolia. Ensaio sobre a finitude no pensamento ocidental*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976.
- STEIN, Ernildo. Sistematicidade e particularidade na leitura do texto: metalinguagem e compreensão nas ciências humanas. In *Instauração do sentido*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1977.
- STEIN, Ernildo. *A questão do método na filosofia. Um estudo do modelo heideggeriano*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1983.
- STEIN, Ernildo. *Crítica da ideologia e racionalidade*. Porto Alegre: Movimento, 1986.
- STEIN, Ernildo. Interpretacionismo ou fundacionismo. A tradição hermenêutica diante de duas novas propostas. In *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- STEIN, Ernildo. Linguagem e fundamentação: alternativas filosóficas para a consciência de si. In *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- STEIN, Ernildo. Mundo vivido e ser-no-mundo: dois paradigmas. In *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- STEIN, Ernildo. Uma posição que se expõe em sua efetividade fundamenta ela sua possibilidade? In *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- STEIN, Ernildo. *História e ideologia*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1999.

- STEIN, Ernildo. Interpretacionismo. A tradição hermenêutica diante de duas novas propostas. In *Filosofia Hermenêutica*. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.
- STEIN, Ernildo. *Compreensão e finitude. Estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.
- STEIN, Ernildo. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- STEIN, Ernildo. *É a hermenêutica filosófica filosofia?* FILOSOFIA UNISINOS, v. 3, n. 4. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.
- STEIN, Ernildo. *Pensar é pensar a diferença: filosofia e conhecimento empírico*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.
- STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- STEIN, Ernildo. As Três Formas de Pensar e o Pensar III em Heidegger. In *Exercícios de fenomenologia. Limites de um paradigma*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- STEIN, Ernildo. Elementos para uma Autocompreensão Crítica na Redação de Textos Filosóficos. In *Exercícios de fenomenologia. Limites de um paradigma*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- STEIN, Ernildo. Fenomenologia hermenêutica e antropologia filosófica. In *Exercícios de fenomenologia. Limites de um paradigma*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- STEIN, Ernildo. *Uma breve introdução à filosofia*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- STEIN, Ernildo. *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. Ijuí: Unijuí, 2008.
- STEIN, Ernildo. *Racionalidade e existência. O ambiente hermenêutico e as ciências humanas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008.
- STEIN, Ernildo. *Antropologia filosófica: questões epistemológicas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.
- STEIN, Ernildo. *Inovação na filosofia*. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.
- STEIN, Ernildo. *Pensar e errar. Um ajuste com Heidegger*. Ijuí: Unijuí, 2011.
- STEIN, Ernildo. *As ilusões da transparência: dificuldades com o conceito de mundo da vida*. Ijuí: Editora Unijuí, 2012.
- STEIN, Ernildo. *Às voltas com a metafísica e a fenomenologia*. Ijuí: Unijuí, 2014.
- STEIN, Ernildo. Hermenêutica e dialética. In *Hermenêutica e dialética: entre Gadamer e Platão*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- TAYLOR, Charles. A validade dos argumentos transcendentais. In *Argumentos filosóficos*. Traduzido por Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- TAYLOR, Charles. Superar a epistemologia. In *Argumentos filosóficos*. Traduzido por Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- THEUNISSEN, Michael. La hermenéutica filosófica como fenomenología del apropiamiento de la tradición. In *“El ser que puede ser comprendido es lenguaje”*. Homenaje a Hans-Georg Gadamer. Traduzido por Antonio Gómez Ramos. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.
- TUGENDHAT, Ernst. La fusión de los horizontes: Un comentario sobre H. –G. Gadamer. In *Ser, Verdad, Acción. Ensayos filosóficos*. Traduzido por Rosa Helena Santos-Ihlau. Barcelona: Gedisa Editorial, 1998.

- TUGENDHAT, Ernst. *Egocentricidade e mística: um estudo antropológico*. Traduzido por Adriano Naves de Brito e Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- VOLPI, Franco. Goodbye, Heidegger! Mi Introducción Censurada a los Beiträge zur Philosophie. Traduzido por Joaquín Barceló Larraín. In *Actas del I Congreso Internacional de Fenomenología y Hermenéutica*. Las Condes: RIL Editores, 2008.
- WEBERMAN, David. *A New Defense of Gadamer's Hermeneutics*. Philosophy and Phenomenological Research. Vol. LX, N° 1, January 2000.
- WEINSHEIMER, Joel C. *Gadamer's Hermeneutics. A Reading of Truth and Method*. New Haven: Yale University Press, 1985.
- WESTPHAL, Merold. A hermenêutica enquanto epistemologia. In *Compêndio de epistemologia*. Traduzido por Alessandra Siedschlag Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Edições Loyola, 2012.